

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
FACULDADE DE CIÊNCIAS – CAMPUS DE BAURU
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

ANA BEATRIZ OLIVEIRA ALVES

**VIVÊNCIAS, FORMAÇÃO E PRÁTICAS EM EDUCAÇÃO PARA A MORTE:
REVISÃO BIBLIOGRÁFICA E RELATOS DE PROFESSORAS DA EDUCAÇÃO
INFANTIL E ENSINO FUNDAMENTAL – ANOS INICIAIS**

BAURU

2018

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
FACULDADE DE CIÊNCIAS – CAMPUS DE BAURU
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

ANA BEATRIZ OLIVEIRA ALVES

**VIVÊNCIAS, FORMAÇÃO E PRÁTICAS EM EDUCAÇÃO PARA A MORTE:
REVISÃO BIBLIOGRÁFICA E RELATOS DE PROFESSORAS DA EDUCAÇÃO
INFANTIL E ENSINO FUNDAMENTAL – ANOS INICIAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Educação da Faculdade de Ciências – UNESP/Campus de Bauru, como parte dos requisitos para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Alessandra de Andrade Lopes do Departamento de Psicologia da Faculdade de Ciências – UNESP/Campus de Bauru.

**BAURU
2018**

Alves, Ana Beatriz Oliveira.

Vivências, formação e práticas em Educação para a Morte: revisão bibliográfica e relatos de professoras da Educação Infantil e Fundamental – Anos Iniciais/ Ana Beatriz Oliveira Alves, 2018.

64 f.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Alessandra de Andrade Lopes

Monografia (Graduação)–Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Faculdade de Ciências, Bauru, 2018

1. Educação para a Morte. 2. Pedagogia e Psicologia. 3. Luto Infantil. 4. Luto. 5. Morte. 6. Formação de Professores. 7. Educação Infantil. 8. Ensino Fundamental – Anos Iniciais. I. Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências. II. Título.

Ana Beatriz Oliveira Alves

**VIVÊNCIAS, FORMAÇÃO E PRÁTICAS EM EDUCAÇÃO PARA A MORTE:
REVISÃO BIBLIOGRÁFICA E RELATOS DE PROFESSORAS DA EDUCAÇÃO
INFANTIL E ENSINO FUNDAMENTAL – ANOS INICIAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao Departamento de Educação da Faculdade de Ciências – UNESP, Bauru, como parte dos requisitos para obtenção do título de graduação em Pedagogia, sob a orientação da Profa. Dra. Alessandra Lopes de Andrade.

Banca examinadora:

Prof.^a Dr.^a Alessandra de Andrade Lopes
Faculdade de Ciências – UNESP – Bauru.

Prof.^a Dr.^a Thaís Cristina Rodrigues Tezani
Faculdade de Ciências – UNESP – Bauru.

Prof.^a Dr.^a Vera Lúcia Messias Fialho Capellini
Faculdade de Ciências – UNESP – Bauru.

**Bauru
2018**

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por ser uma energia capaz de me fazer acreditar que todas as coisas passam.

Agradeço à UNESP e ao corpo docente do Curso de Pedagogia pelo caminho percorrido durante esses preciosos anos de estudo e reflexão que ajudaram a delinear minha personalidade e meu futuro profissional.

Agradeço imensamente à minha orientadora, Professora Alessandra, por ter aceito o convite e ser a pessoa certa para trilhar nessa estrada comigo e estudar um tema tão desafiador e ao mesmo tempo fascinante para o trabalho, sem ela nada seria possível e espero profundamente que nossos destinos acadêmicos se encontrem novamente.

Agradeço enormemente meus pais e minha irmã, amigos e até mesmo, meus animais de estimação por terem me acompanhado nessa jornada, me ajudando de todas as formas nos momentos difíceis e labirínticos quando pensei que não fosse dar conta, sempre apoiando sabiamente minhas escolhas.

“Não, não, a Morte não é algo que nos espera no fim. É companheira silenciosa que fala com voz branda, sem querer nos aterrorizar, dizendo sempre a verdade e nos convidando à sabedoria de viver. [...] A branda fala da morte não nos aterroriza por nos falar da morte. Ela nos aterroriza por nos falar da vida. Na verdade, a morte nunca fala sobre si mesma. Ela sempre nos fala sobre aquilo que estamos fazendo com a própria vida, as perdas, os sonhos que não sonhamos, os riscos que não tomamos (por medo), os suicídios lentos que perpetrados. [...] Acho que, para recuperar um pouco da sabedoria de viver, seria preciso que nos tornássemos discípulos e não inimigos da morte. Mas, para isso, seria preciso abrir espaços em nossas vidas para ouvir a sua voz”.

(Rubem Alves – A morte como conselheira, 2012).

RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso da Pedagogia concebe que na perspectiva da Educação para a Morte, como área de estudo e campo de atuação dos profissionais da educação e da saúde, temáticas relacionadas à morte, às perdas e ao luto devem ser abordadas explicitamente em nossa sociedade, pois, por mais intenso que sejam as lembranças e sentimentos evocados, prevenir, preparar, enfrentar, amparar e reparar danos e prejuízos marcam efetivamente os benefícios da abordagem direta sobre estes assuntos. Estudos têm evidenciado que no ambiente escolar pouco se fala sobre o morrer, as perdas e o luto, o que dificulta a interação e aproximação da criança que sofreu uma perda, por morte. Vivemos em uma comunidade ocidental que reforça práticas culturais sobre a morte e o luto, como temas que não devem ser pronunciados diante das crianças e muito menos no ambiente escolar, preferindo ocultar tais assuntos ou minimizá-los, evitando situações de constrangimento, por ser um tema que pode evocar sentimentos e reações emocionais adversas. Em Educação para a Morte, defende-se que é preciso discutir o assunto nas escolas, não somente em situações nas quais algum estudante perdeu alguém próximo ou querido, mas também como tema essencial sobre a finitude humana, por meio de currículos eficientes, temas transversais e atividades reflexivas que abordam diretamente o tema. Ainda entende-se em Educação para a Morte, que mesmo que as escolas não possuam um profissional da psicologia para abordar essas questões, é preciso que possa haver um espaço de discussão nas instituições de ensino que fortaleçam o vínculo professor-aluno, por meio do desenvolvimento de atividades reflexivas sobre as temáticas deste estudo, mesmo que sejam consideradas tabus e de difícil explicação e envolvimento dos adultos. Considerando as vivências dos professores sobre a morte, as perdas e o luto, bem como as experiências de estudo e de abordagem destas temáticas na formação inicial, o presente estudo realizou inicialmente uma revisão bibliográfica sobre os temas morte, perdas e luto, em especial na infância; e, em um segundo momento, explorou, por meio de relatos e de depoimentos de alguns professores, identificar as práticas em educação infantil e séries iniciais do ensino fundamental, no que diz respeito à abordagem da morte, na interação com os alunos e no desenvolvimento de suas atividades pedagógicas. Para tanto, no segundo momento participaram deste trabalho cinco professoras, sendo três atuantes no Ensino Infantil e duas nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Como instrumento de coleta de dados foi utilizado um roteiro de entrevistas semiestruturada, dividida em blocos temáticos, que abordaram: 1) as experiências pessoais sobre vida, morte, perdas e luto; 2) a formação inicial do professor; 3) práticas educativas em interação com alunos; 4) avaliação da entrevista/questionário. As participantes receberam uma carta convite, explicando sobre o estudo, juntamente com um termo de consentimento livre e esclarecido. Os dados coletados foram analisados qualitativamente e referendados com base na literatura da área. Por meio da revisão de bibliografia foi possível constatar que há décadas se fala sobre a finitude humana, nas áreas da filosofia, história, sociologia e psicologia, mas que o tema ainda é velado no interior das famílias e da escola. Por meio do relato e depoimentos das professoras participantes deste TCC foi possível identificar e analisar que a formação é inexistente sobre as possíveis abordagens com os alunos, e que as vivências pessoais orientam as práticas profissionais quando não podem ser evitadas no ambiente escolar. O presente TCC foi de caráter exploratório, com análise qualitativa dos resultados dos relatos e depoimentos dos participantes. Além disso, este estudo serve como um convite a refletir sobre a possibilidade de aproximar o tema no interior das escolas, apontando as diretrizes para o planejamento de atividades formativas em educação continuada para professores, relacionadas ao tema vida, morte, perdas e luto na escola.

Palavras-chave: Educação para a Morte. Pedagogia e Psicologia. Luto Infantil. Luto. Morte. Formação de professores. Educação Infantil. Ensino Fundamental – Anos Iniciais.

ABSTRACT

In the perspective of Education for Death, as a field of study and field of action of education and health professionals, issues related to death, loss and mourning should be explicitly addressed in our society, for, however intense the memories, and feelings evoked, preventing, preparing, confronting, sustaining, and repairing damages effectively mark the benefits of a direct approach to these issues. Studies have shown that in the school environment little is said about dying, loss and mourning, which hampers the interaction and approximation of the child who suffered a loss, due to death. We live in a Western community that reinforces cultural practices about death and mourning, as themes that should not be pronounced before children, much less in the school environment, preferring to conceal such subjects or minimize them, avoiding situations of embarrassment, for being a theme that can evoke feelings and adverse emotional reactions. In Education for Death, it is argued that it is necessary to discuss the subject in schools, not only in situations where a student has lost someone close to or wanted, but also as an essential theme about human finiteness, through efficient curricula, cross-reflective activities that directly address the theme. It is still understood in Education for Death that even if schools do not have a psychology professional to address these issues, there must be a space for discussion in educational institutions that strengthen the teacher-student link through development of reflective activities on the themes of this study, even if they are considered taboo and difficult to explain and involve adults. Considering the experiences of teachers on death, loss and mourning, as well as the experiences of study and approach of these themes in initial formation, the present study initially carried out a bibliographical review on the themes death, loss and mourning, especially in the childhood; and secondly, through the reports and statements of some teachers, he explored the practices in early childhood education and initial grades of elementary school, regarding the approach to death, interaction with students and development of their pedagogical activities. In order to do so, in the second moment, five teachers participated in this CBT, three of them being active in Early Childhood Education and two in the Early Years of Elementary School. As a data collection instrument, a semi-structured interview script was used, divided into thematic blocks, which addressed: 1) personal experiences about life, death, loss and mourning; 2) the initial teacher training; 3) educational practices in interaction with students; 4) evaluation of the interview / questionnaire. Participants received an invitation letter explaining the study along with a free and informed consent form. The collected data were analyzed qualitatively and based on the literature of the area. Through the bibliographical revision, it was possible to verify that decades are about human finitude, in the areas of philosophy, history, sociology and psychology, but that the theme is still veiled within families and school. Through the report and testimonies of the participating teachers of this CBT, it was possible to identify and analyze the formation that does not exist on the possible approaches with the students and that the personal experiences guide the professional practices when they can not be avoided in the school environment. The present CBT was exploratory, with a qualitative analysis of the results of the reports and testimony of the participants. In addition, this study serves as an invitation to reflect on the possibility of approaching the theme within schools, pointing to guidelines for the planning of training activities in continuing education for teachers, related to the theme life, death, loss and mourning in the school.

Keywords: Education for Death. Pedagogy and Psychology. Children Grief. Mourning. Death. Teacher training. Early Childhood Education. Elementary Education.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	13
3. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	16
3.1 Panorama geral do conceito de morte para a humanidade	16
3.2 Perspectiva sobre um tema silenciado: a morte e as tarefas do luto	17
3.3 Como a criança desenvolve a compreensão do conceito de morte	20
3.4 Enfrentamento de situações desestabilizantes	23
3.5 Luto e Sistema familiar	25
3.6 Como interagir com a criança em luto	26
3.8 Aproximações sobre o tema da morte nas escolas fazendo uso da Literatura Infantil como metodologia facilitadora de discussão	32
4. VIVÊNCIAS, FORMAÇÃO E PRÁTICAS RELACIONADAS AOS TEMAS MORTE, PERDAS E LUTO: RELATOS E DEPOIMENTOS DE PROFESSORAS	37
4.1 O caminho metodológico até chegar aos participantes	37
4.2 A Organização e a Análise dos Relatos nas Entrevistas e das Respostas ao Questionário	38
4.3 Considerações éticas do estudo	39
4.4 Apresentação e análise dos relatos e depoimentos das professoras participantes	39
4.4.1 Bloco 1: Concepções sobre a Vida, a Morte, as Perdas e o Luto	41
4.4.2 Bloco 2: Formação profissional	46
4.4.3 Bloco 3: Práticas profissionais e educativas sobre a morte e o morrer	47
4.4.4 Bloco 4: Avaliação da entrevista e do questionário	52
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	56
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	58
APÊNDICE I – Roteiro de entrevista semiestruturada, por blocos temáticos e questionário	62
APÊNDICE II – Carta Convite e Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	64

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 Mediadores do Processo de Luto.....	19
Quadro 02 Concepção e Compreensão do Conceito de Morte para Crianças.....	22
Quadro 03 Enfrentamento de Situações Desestabilizantes.....	24
Quadro 04 Principais apontamentos de como ajudar a criança enlutada.....	27
Quadro 05 Acervo de Obras Literárias que Abordam a Morte.....	34
Quadro 06 Caracterização das Professoras Participantes.....	37

1. INTRODUÇÃO

A morte é fato que pertence à realidade humana e umas das poucas certezas que se tem sobre a vida, é “que somos finitos”. O tema morte está envolto por mistérios, misticismo, crenças e tabus, pautados em vivências culturais e pessoais. (MARANHÃO, 1996; BEE, 1997).

Deste modo, podemos considerar que existem diferentes maneiras de se pensar, reagir e lidar com o morrer. Por essa razão, o morrer deve ser refletido e discutido em diversos aspectos da vida social, principalmente na escola, lugar no qual as crianças passam boa parte das horas de seus dias, socializando conhecimentos e experimentando diferentes sensações e sentimentos.

De acordo com a perspectiva da Educação para a Morte, o morrer pode ser abordado pelos professores na escola, desde os anos iniciais, em conjunto com as atividades previstas no projeto político pedagógico de cada ano. Ainda de acordo com uma perspectiva educativa de abordagem do tema “morte”, os professores podem ampliar a conversa sobre as perdas, dialogando com as crianças sobre formação e rompimento de vínculos e de expectativas.

Professores e pais relatam pensar que questões referentes à morte, ao luto, às perdas e às despedidas não devem ser pronunciadas diante das crianças e muito menos no ambiente escolar. Sendo assim, preferem ocultá-las ou minimizar estes assuntos, oferecendo respostas que evitam situações de constrangimento, por entenderem que podem evocar sentimentos e reações emocionais diversas nos pequenos.

É preciso dialogar sobre a morte e o morrer de modo especial, já ao longo da infância, não somente pensando nas crianças que perderam alguém próximo ou querido, podendo ser um familiar, amigo ou até mesmo um animal de estimação, mas também com uma perspectiva educativa, conversando de modo espontâneo sobre o fim da vida, esclarecendo dúvidas e elucidando muitas explicações pautadas no medo e no tabu sobre este assunto, que o senso comum ainda estimula em nossa sociedade.

Mais especificamente, algumas crianças enfrentam a perda ainda muito cedo e geralmente a escola e a família ficam sem saber o que dizer, diante das expressões de dor, indagação, sentimentos de saudade, revolta, solidão e ausência.

Diante do exposto, o presente Trabalho de Conclusão de Curso surgiu do interesse durante o curso de Pedagogia, em estudar sobre Educação para a Morte, e como este tema tem sido abordado pelos professores no ambiente escolar, principalmente no Ensino Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

O Trabalho de Conclusão de Curso teve os seguintes objetivos:

- Realizar revisão bibliográfica sobre os temas: morte, perdas e luto e adjacentes a estes;

- Identificar e analisar, por meio do relato e depoimento de professores, o histórico de vivências, a formação e as práticas profissionais sobre morte, perdas e o luto.

Durante o estudo, algumas questões sobrevieram em meio a curiosidade científica e motivaram a leitura sobre o tema e diálogo com as participantes convidadas: 1) pensando nas crianças que passam pela experiência de uma perda, e em seu bem estar futuro, qual seria a metodologia de abordagem mais efetiva para a escola e os profissionais da educação, diante dessa tão importante e significativa experiência?; 2) Como os conhecimentos da Psicologia da Morte e da Pedagogia poderiam auxiliar nas atividades pedagógicas que o professor e toda a equipe escolar fariam com os alunos, abordando o morrer e, consequentemente, a formação e rompimento de vínculos e expectativas?; 3) O que os professores entendem sobre Educação para a Morte?; 4) Educação para a Morte, pode ser este um tema transversal? 5) O que, como, por quê e para quê ensinar sobre vida, morte, perdas e luto?; 6) Falar a respeito destas temáticas produz sofrimento, preparo ou reparo?; 7) Os professores precisam ser capacitados para abordar o assunto?; 8) O assunto transgride o princípio de escola laica, temendo o estreitamento da interface: crenças, valores e religião? 9) Enfim, o que é educar para a morte, para os professores? e 10) Como os professores avaliam esta temática?

Com o auxílio e embasamento teórico de diversos autores e pesquisadores que estudaram o tema da morte e os sentimentos de luto, o presente Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) buscou fazer uma revisão bibliográfica em Educação para Morte e Psicologia da Morte, além de explorar no ambiente escolar, junto aos professores, suas vivências, formação e práticas profissionais, relacionadas aos temas, morte, perdas e luto.

A Educação para a Morte tem-se constituído, sobretudo, em uma proposta de abordagem direta às temáticas “vida, morte, perdas e luto”, tornando-as objetos de estudo relacionados e, em especial, em conteúdos e objetivos de ensino, a serem abordados em ambiente educacional formal ou informal: na família, na comunidade e na escola. (KOVÁCS, 2008).

Deve-se ressaltar que em depoimentos registrados no Brasil, professores de diferentes níveis escolares consideram que a Educação para a Morte traz contribuições importantes em situações adversas vividas na escola, no entanto, avaliam que ainda não são profissionais capacitados para planejar, desenvolver e avaliar atividades pedagógicas relacionadas aos temas, justamente porque esta ação pedagógica não faz parte da formação do professor. (KOVÁCS, 2003).

Educar para morrer consiste em criar condições favoráveis para que as pessoas, de diferentes faixas etárias, possam reconhecer a finitude humana e tornarem plenamente conscientes da relação indissociada entre vida, morte, perdas e luto. Educar para morte, nada mais é do que identificar, analisar e conviver com fatos, eventos, situações e contextos que circunstanciam e entrelaçam a vida, a morte, as perdas e o luto. Educar para morrer, nada

mais é também compreender que a vida, a morte, as perdas e o luto são universais, pessoais e intransferíveis e que o sofrimento é inerente a uma propriedade da qual não podemos alterar na situação: a irreversibilidade da perda; embora possamos ponderá-la e minimizá-la com o enfrentamento e uma rede de conhecimentos explorando o assunto. (ANDRADE-LOPES; COMBINATO; REALI, 2008).

Após introdução do presente, segue uma revisão bibliográfica que fundamenta este estudo. A revisão bibliográfica traz inicialmente um panorama geral sobre o conceito da morte ao longo das épocas; em seguida, a concepção de um tema silenciado, a morte e as tarefas descritas do processo de luto; aborda também o conceito de perdas e luto para a compreensão da criança, incluindo os temas enfrentamento de situações desestabilizantes e como forma de compreender as nuances e desdobramentos do luto no sistema familiar; além disso descreve como os estudos indicam como abordar a criança em luto de forma a contemplar as necessidades do momento; destaca as perspectivas e reflexões sobre um tema silenciado, explicitando de que forma inserir a Educação para a Morte nos espaços escolares; e por fim, o trabalho de revisão, apresenta aproximações sobre o tema da morte na escola, utilizando a Literatura acerca do tema no processo de ensino e aprendizagem.

Importante salientar que o presente TCC discute as vivências, formação e práticas educativas relacionados ao temas: morte, perdas e luto, aprofundando nas percepções dos relatos e depoimentos das professoras; segue apresentando os caminhos metodológicos percorridos para a realização deste estudo (revisão bibliográfica, organização, apresentação e a análise dos relatos e depoimentos; considerações éticas); apresenta a análise dos relatos e depoimentos das participantes divididos por blocos temáticos e finaliza com considerações gerais pontuando as principais aprendizagens, significações e contribuições construídas a partir deste estudo.

3. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

3.1 Panorama geral do conceito de morte para a humanidade

Há uma relação direta entre Viver e Morrer, as duas são indissociadas. Para uma sociedade ocidental e capitalista, falar sobre o morrer produz sofrimento e torna os seres improdutivos e frágeis diante da vida acelerada e com tanto a se consumir. O morrer coloca o homem em condição de luto, reorganização e enfrentamento de todos os aspectos da vida. (ANDRADE-LOPES, 1997).

Segundo Ariès (2003) um dos mais conceituados historiadores do século XX, a morte é a única realidade definitiva e atemporal do percurso do homem na terra. Embora a mesma seja tratada como uma verdade inconveniente, o historiador francês teve o cuidado de traçar uma linha do tempo histórica sobre as representações e percepções da morte nas sociedades, conforme o passar do tempo.

Na Idade Média, o tema era tratado com naturalidade, por possuir uma alta taxa de mortalidade e contato direto com pessoas doentes e moribundas, o processo era tido como normal, com cerimônias e ritos de despedida. A partir do declínio da Idade Média, a morte vai tomando outras proporções sociais, passando a ser vista como algo proibido e reprimido. Com o avanço da Idade Moderna, cuidados com a saúde e aumento da lógica e força de produção e da medicina o morrer se tornou símbolo do fracasso e tornou-se algo “proibido” e domesticado, pois vai contra os ideais da época.

Com a chegada da Modernidade, não há possibilidades de se apropriar do tema ao longo da vida, pois não se encontra mais espaço para se convencionar falar sobre algo tão pessoal e que carrega uma forte energia de dilemas e ideologias.

Ainda para Ariès (2003) com o avanço da medicina e maioria das mortes sendo transferidas para o hospital é um importante marco que levou a atitudes de impessoalidade e individualização diante da morte no início do século XX. A morte vai se tornando cada vez mais paradoxal para a compreensão do homem, por apresentar tantas certezas e incertezas que o tiram de sua zona de conforto.

A morte sempre serviu de objeto de inspiração para vários artistas, músicos, pintores, filósofos, teólogos e escritores. Tratar da inevitabilidade da morte com adultos já é algo aflitivo e devastador; quanto às crianças, com o argumento de que é preciso protegê-las de temas ríspidos, para não as traumatizar de uma sobrecarga que as mesmas ainda não dão conta, subestimam e poupam as crianças de situações que remetem a terminalidade dos fatos. Desta maneira, abolindo o tema da infância, corrobora-se a incorporação de ideias errôneas e que

na verdade, atrapalham a vida e desenvolvimento dos pequenos. Como salienta Oliveira (1998, p. 182):

Hoje, mais do que nunca, a morte aí está bem visível e patente, particularmente nos meios de comunicação social, sem poder ser escondida, embora, por outro lado, constitua ainda uma espécie de tabu a nível individual. Assim, é evidente a importância, a nível pessoal e social, deste tema.

Por fim, entende-se e defende-se que o processo de abertura para o tema da morte não deve ser interdito, mas sim convencionado desde a infância de modo a ser modelado, problematizado e pensado, para que a criança aprenda a ressignificar momentos, compreender o desconhecido e o que está acontecendo, conforme suas etapas cognitivas e contato com a cultura da família e da escola.

3.2 Perspectiva sobre um tema silenciado: a morte e as tarefas do luto

De acordo com Worden (2013), a experiência do luto é pessoal e cada pessoa reagirá de uma forma e terá uma resposta específica, quando exposta em situações de perdas por morte. As pessoas não vivenciam o luto da mesma forma e existem diferenças individuais a serem levadas em consideração. O sofrimento no luto é algo que leva tempo para finalizar.

O luto como adaptação à perda, pode ser descrito e analisado em quatro tarefas, que devem ser cumpridas ao longo do tempo. É imprescindível lembrar que cada pessoa enlutada reage as adaptações da perda de maneiras diversificadas e não seguindo uma ordem específica. O luto é um processo cognitivo que envolve confrontação e reestruturação de atitudes e pensamentos, sendo assim, todas as tarefas exigem um esforço para serem cumpridas com êxito.

A primeira tarefa é denominada “aceitar a realidade da perda”, a pessoa morreu e não voltará. É saber que não haverá reencontros. Neste período é comum atitudes de completa descrença, como uma espécie de negação e recusa, ficando estancadas logo na primeira tarefa. As crenças e descrenças se alternam nessa primeira tarefa e o tempo estimado de aceitação varia conforme a causa da morte e o modo como o enlutado reage.

A segunda tarefa “processar a dor do luto”, consiste em reconhecer e trabalhar esse sofrimento para que não se transforme em um luto complicado. É necessário que o enlutado processe a dor que está sentindo, aprendendo a lidar com a nova situação e encarando o fato. É preciso que sinta e processe o sofrimento, sabendo que um dia passará. “Um dos objetivos do aconselhamento do luto é ajudar as pessoas nessa difícil segunda tarefa para que elas não carreguem o sofrimento consigo para o resto de suas vidas [...]” (WORDEN, 2013, p. 25).

A terceira tarefa é “ajustar-se a um mundo sem a pessoa morta”, que consiste em ponderar a perda em instâncias de ajustamento, como ajustes externos, ou a forma como a

morte afeta os hábitos; os ajustes internos, que são formas de como a morte afeta a si próprio e o senso que tem-se da pessoa morta e os ajustes espirituais, que perpassam crenças, valores, religiões, fé e suposições sobre a morte. Para Worden (2013, p. 26):

A estratégia de enfrentamento para redefinir a perda, de tal forma que reverta em benefício para o sobrevivente é, quase sempre, parte da conclusão exitosa da tarefa três. Dar sentido à perda e encontrar ganhos com ela são duas dimensões do significado atribuído após uma perda, e isto certamente está associado com a questão de encontrar benefícios, a partir da morte.

É preciso encontrar um sentido após uma perda, sendo essencial criar e desdobrar novos significados para esta experiência. É aprender a como viver sem uma resposta e ao longo do tempo, mudar e reaprender sobre a fragilidade da vida, os novos papéis que deverão ser assumidos e orientados e desenvolver percepções e habilidades, além dos limites do controle sobre a mesma.

Por último, a tarefa quatro, conforme Worden (2013), “encontrar conexão duradoura com a pessoa morta em meio ao início de uma nova vida”, depende das formas de desenvolver laços continuados com a pessoa morta. A última tarefa depende de “conectar” a pessoa morta de uma forma que faça a pessoa enlutada seguir um caminho para sua própria vida, sem esquecer-se do passado ou martirizando-se, mas mantendo a pessoa junto, porém, de uma forma diferente e nova. É preciso encontrar um meio de manter a vivência anterior com o morto em sua vida emocional, mas que ao mesmo tempo que possa permitir que o enlutado siga vivendo, ressignificando e relocando a pessoa morta em sua vida.

Worden (2013) considera a quarta tarefa a mais difícil de ser concluída, pois muitas pessoas se mantêm presas ao vínculo do passado, impedindo a construção de novos caminhos e bloqueando suas vidas no momento da perda em diante.

É válido ressaltar que as quatro tarefas podem ser repassadas e reconsideradas diversas vezes no processo todo, ou podem ocorrer simultaneamente e devem ser vivenciadas fluidamente para melhor obtenção de resultados. É preciso ir além e compreender como trabalhar com as quatro tarefas do luto; na Tarefa 1, por exemplo, é preciso saber as dimensões da perda que estão dificultando o fato de que a pessoa morre e não voltará mais.

A Tarefa 2 faz parte da resolução de problemas decorrente da perda. A Tarefa 3 é compreendida como aquela que o enlutado deve encontrar sentido na perda e a busca de senso de *self*. E por último, a Tarefa 4 é preciso ajudar a encontrar uma conexão duradoura com a pessoa falecida, tendo possibilidade de estabelecer nova vida e relacionamentos, de modo que permita finalizar o luto.

É importante também mencionar que alguns mediadores são essenciais para entender o processo do luto. Para compreender como cada pessoa lida com as perdas e consequentemente com as Tarefas é necessário abordar os diversos fatores que estão no cenário do luto. Segundo (Worden, 2013), no quadro 01, os mediadores do processo de luto são:

QUADRO 01: Com base nos estudos de Worden (2013) quadro dos Mediadores do Processo de Luto.

Mediador 01	Quem era a pessoa que morreu. É preciso identificar o parentesco e o relacionamento da pessoa que morreu com o sobrevivente.
Mediador 02	Natureza do vínculo, ou seja, qual era o vínculo existente entre o sobrevivente para com aquela pessoa. Podem ser diversas, como a força do apego, a segurança do apego, a ambivalência no relacionamento, conflitos com a pessoa morta e a questão dos relacionamentos dependentes.
Mediador 03	Como a pessoa morreu. A forma como a pessoa morreu tem grande impacto na forma como o sobrevivente reage com as tarefas do luto. Implica questões de proximidade; repentina ou inesperada; mortes violentas/traumáticas; múltiplas perdas; mortes evitáveis; perda ambígua e mortes estigmatizadas.
Mediador 04	Antecedentes históricos. Para entender como as pessoas lidam com o luto, é preciso compreender se elas já enfrentaram perdas no passado e como foram vivenciadas.
Mediador 05	Variáveis de personalidade. É preciso avaliar a personalidade do enlutado para entender a resposta do mesmo diante de uma perda. Incluem idade e gênero; estilos de enfrentamento; estilos de apego; estilo cognitivo; força do ego: autoestima e auto eficácia; mundo presumido: crenças e valores.
Mediador 06	Variáveis sociais. Implica na necessidade de compartilhar esse processo.
Mediador 07	Estressores concorrentes. Além de todos os fatores citados, há também aqueles que sobrepõem as mudanças e crises que surgem posteriormente à morte.

Fonte: William Worden (2013).

Para Worden (2013), o luto somente tem fim quando o indivíduo passa pela restituição, ou seja, quando as quatro tarefas do luto citadas anteriormente são cumpridas. Além disso, quando o indivíduo consegue pensar na pessoa morta sem sentir dor, apenas com uma forma diferente de sentir tristeza, sem tanta comoção, assumindo novos papéis estabelecidos, de modo que a pessoa consiga reinvestir diversos aspectos da vida emocional, com esperança e vontade de viver.

Há consenso de que, quando alguém sofre a perda de uma pessoa querida, é preciso trabalhar e ajudar para que esse luto seja desenvolvido e finalizado. Então, porque a escola, como ambiente absoluto de conhecimento e vivências, onde os jovens passam grande parte

da vida, compartilhando experiências, ainda torna o tema da morte como um tabu irresolúvel e inapropriado?

A pessoa enlutada precisa vivenciar sua dor física e emocional pela perda, em sua totalidade, assim como os sentimentos de raiva, angústia, medo, solidão, tristeza e culpa. Por isso é tão importante ajudar as pessoas a cumprirem as tarefas do luto, resolvendo e promovendo uma verdadeira adaptação à perda ocorrida.

Em conclusão, o luto é um processo social e um fenômeno variável, interpessoal e diverso, por isso há certa complexidade em analisá-lo e esse pode ser um dos motivos que torna a temática difícil, mas não impossível a ser trabalhada no cerne da escola, afinal “devemos ter expectativas de morte como temos expectativa de vida, pois assim estaremos preparados para aceitá-la”, (BUCAR; MAUTONI, 2013, p. 63).

3.3 Como a criança desenvolve a compreensão do conceito de morte

As crianças, da mesma forma que os adultos, identificam diferentes sentimentos e reações diante da morte, mais do que em qualquer outro fenômeno da vida. A diferença entre adultos e crianças está no modo como a compreensão da morte é evidenciada em diferentes etapas e reações na infância até adolescência. Será ao longo desse período que os princípios da irreversibilidade e universalidade irão se desenvolver.

A concepção de morte é um desafio cognitivo para todos e principalmente na infância, em que a criança vê o mundo como uma grande descoberta. Quando se depara com o novo, precisa ressignificar suas experiências e assimilar a convivência com a nova realidade. Desde os primeiros meses de vida a criança sente a falta da mãe, percebe o próprio corpo e começa a entender o que é a finitude e ao longo do seu desenvolvimento cognitivo, passa a ter consciência da perda de outros seres vivos, começando a compreender o conceito de morte.

Torres (2012) justifica a necessidade de compreender como a criança reage e a intensidade da mesma em suas reações de luto. Para a autora, a priori, a criança não possui abstração para compreender o fenômeno e conceito da morte, como a irreversibilidade, não-funcionalidade e universalidade.

a) Irreversibilidade refere-se à impossibilidade de o corpo físico não retornar mais ao seu estado de vida depois da morte; permanência da morte.

b) Não-funcionalidade é o cessar das funções definidoras e vitais da vida, do corpo físico com a morte, ou seja, o que é a morte.

c) Universalidade é a compreensão de que todos os seres vivos terão esse fim. Por exemplo, por meio da observação deste fenômeno em plantas e animais, a criança poderá compreender que o mesmo acontecerá com todas as pessoas.

Segundo Torres (2012), os estágios do desenvolvimento infantil, explicitados na Epistemologia Genética proposta por Jean Piaget (1961) demonstram que a compreensão dos conceitos de morte, começa a ser adquirida conforme seu desenvolvimento, no estágio operatório concreto. A criança nessa fase começa a ter recursos para compreender os três aspectos fundamentais que envolvem o conceito de morte. A partir da teoria dos períodos do desenvolvimento cognitivo segundo Piaget, esta autora chegou aos seguintes resultados:

- No nível 1, encontra-se o período pré-operacional, com idades de 2 a 7 anos: as crianças ainda não diferem seres animados e inanimados e têm dificuldades para perceber uma categoria de elementos inorgânicos. São incapazes de separar vida e morte e acreditam que a morte não seja irreversível e definitiva. A idade média do período pré-operacional para que a criança tenha tais percepções é a partir de 5 anos e 7 meses.

- No nível 2, período das operações concretas, dos 7 aos 11 anos de idade, as crianças já conseguem diferir entre seres animados e inanimados, mas ainda não há logicidade, ou seja, a não-causalidade ainda não foi aprimorada. Há uma distinção entre o conceito de vida e o de morte, mas apenas no sentido de que a morte é irreversível e definitiva, não entendendo os diversos motivos que podem levar a ela. É típico do período das operações concretas, que ocorrem por volta de 9 anos e 5 meses.

- No nível 3, período das operações formais, explorada a partir dos 11 anos, as crianças já conseguem perceber e diferenciar seres orgânicos e inorgânicos, reconhecem a morte como unanimidade, um processo interno e inerente aos seres vivos, começam a explorar conceitos de casualidade para sancionarem suas dúvidas e reconhecem que a morte faz parte da vida, compreendendo a universalidade do processo.

Torres (2012) conclui:

O ponto crucial no qual as mudanças parecem ocorrer é no nível das operações concretas, exatamente como Piaget poderia ter predito, uma vez que é neste subperíodo que surgem as mais importantes estruturas cognitivas. Graças a aquisição da reciprocidade, bem como ao desenvolvimento da noção de constância do eu (ou identidade) que se dá paralelamente com o desenvolvimento da noção da constância do objeto, a aceitação da vida na morte e a crença na temporalidade e reversibilidade da morte desaparecem como um fenômeno real para a criança nesse período. De posse da noção de reciprocidade, a criança já é capaz de observar que os outros são diferentes dela própria e têm experiências diferentes, tornando-se assim capaz de expressar a permanência da morte física mesmo sem ter tido experiência com ela.

O estado perceptual inicial da criança que torna a compreensão destes três componentes básicos do conceito da morte citados, difere da percepção do adulto. Segundo

Torres (2012), “conforme Piaget, essa fusão do subjetivo com o objetivo é uma descrição razoavelmente precisa da percepção do mundo pela criança muito pequena”, (TORRES, 2012, p.121).

Sendo assim, é possível traçar um paralelo de como as crianças se deparam com o fato da perda e de que forma é possível ajudá-las a compreender a finitude de todos os seres vivos, de sua espécie e, em especial, de pessoas próximas. E esses estudos são reforçados também pela análise de Chiattonne (1996), na qual descreve os principais aspectos acerca da compreensão e concepção de morte para crianças conforme sua idade e nível de desenvolvimento. No quadro 02 são apresentadas as principais concepções de Morte para Crianças, segundo Chiattonne (1996):

QUADRO 02: Segundo os estudos de Chiattonne (1996), as principais concepções de Morte para Crianças.

<i>IDADE</i>	<i>CONCEPÇÃO DE MORTE</i>
Até 3 anos	Morte = separação; empresta propriedades de vida a objetos inanimados; sente saudades e pena
3 a 5 anos	Morte = separação provisória; morte é reversível = sono
5 anos	Considera a imobilidade dos mortos; associa a morte à velhice; aparente desconhecimento sobre a morte (o fato); aceitação de vida na morte
6 anos	Nova consciência; reações afetivas nítidas diante da morte; temor à morte dos pais; relação entre doença e morte
7 anos	Capacidade de julgar, compreender e avaliar - causa e efeito; personificação da morte; morte = intervenção externa; preocupação com caixões
8 anos	Morte = evento irreversível, sem envolvimento pessoal e universal; morte como punição; não aceitação da morte de um ente querido; interesse pelo além da morte
9 anos	Morte = processo biológico permanente; morte como irreversível, universal; reações de angústia e luto
10 anos	Morte como ameaça pessoal; morte como definitiva e permanente; morte como parada da vida corporal; explicações lógicas e amplas sobre a morte; reconhecimento formal da morte

Fonte: Chiattonne (1996).

Ao oferecer respostas verdadeiras às dúvidas dos pequenos, permite que eles venham a formar o conceito de morte, não como uma ameaça permanente, mas sim, como uma questão da vida. “Explorar e tentar responder às perguntas das crianças sobre a morte é muito melhor do que permitir que medos mágicos e não explicitados atuem em sua imaginação”, (TORRES, 2012, p. 168).

Um ponto importante a ser considerado é a questão da curiosidade da criança a ser atendida. Assim, nos momentos em que será preciso anunciar a morte de um conhecido, a criança terá condições de participar das condolências necessárias. Pois de outra forma, ocultando e mistificando a curiosidade da criança, as consequências afetarão no desenvolvimento emocional e cognitivo, implicando dificuldades de aprendizagem e desenvoltura nas interações da mesma. Sobre este aspecto Torres (2013, p. 128) enfatiza:

Crianças que não expressam verbalmente a dor da perda podem deslocá-la para uma situação externa, evitando, assim, lidar diretamente com o conflito interno. Uma vez que a escola é seu ambiente natural, a situação escolar se torna o foco principal do deslocamento.

Por fim, as crianças precisam se sentir seguras para desenvolver o luto, que comprometerá seus futuros comportamentos e influenciarão toda a sua jornada emocional. Sendo assim, quando se depara com esse caminho da perda, precisa, mais do que ninguém, de apoio e cuidados.

3.4 Enfrentamento de situações desestabilizantes

Segundo Worden (2013), o luto é um processo, uma fase de transição para uma nova realidade de restauração e relocação da pessoa perdida. Todo enlutado precisa compreender que há dias bons e ruins e que todos os sentimentos devem ser expressos e vivenciados.

O luto termina quando é possível falar sobre a perda sem reações exageradas; quando é perceptível a mudança; sem mágoa; o morto é lembrado com saudade, mas sem dor; a pessoa que ficou reencontra a paz, reconstrói sua vida e reconhece o seu crescimento diante da perda.

O enfrentamento, por sua vez, expressa as mudanças e ações que o indivíduo busca para confrontar e lidar com situações conflituosas e estressantes, ou seja, o que a pessoa faz e pensa para lidar com eventos estressantes, de modo a se recuperar.

Ao compartilhar e falar de alguma perda, isso ajuda a pessoa e facilita a vivência do luto. O termo “enfrentamento” foi designado para exemplificar os recursos adaptativos (fisiológicos, sociais e psicológicos) acessíveis para reestabelecer a função, ordem e o equilíbrio do organismo sob estresse. Na área da Psicologia, o enfrentamento é entendido

como esforços para lidar com situações de demandas internas e externas que geram situações emocionais estressantes e desestabilizantes.

De acordo com Worden (2013), os estilos de enfrentamento variam de pessoa para pessoa. O autor apresenta um modelo de solução de problemas, pautado na premissa dos mecanismos que o indivíduo enlutado utiliza para obter alívio e resolução do quadro estressante. São três as funções de enfrentamento a serem consideradas no quadro 03:

QUADRO 03: Segundo estudos de Worden (2013), há três configurações para o Enfrentamento de Situações

Enfrentamento de Solução de Problemas	Consiste na variação de habilidades que as pessoas têm para solucionar problemas e formas de como ajudar na solução de problemas quando lhes faltam tais habilidades.
Enfrentamento Emocional Ativo	Considerada a estratégia mais eficiente para a resolução e manejo do estresse e dos problemas ocasionados pelo luto. Representa a redefinição, habilidade e reestruturação a fim de encontrar algo positivo em situações ruins. Exemplos eficazes são: a noção de crescimento depois do luto; reestruturação dos problemas em detrimento de encontrar algo positivo nesse momento; uso do humor causando distanciamento do problema; ventilação das emoções que pressupõe não guardar nada para si e aceitar ajuda de outra pessoa para melhorar seu desempenho e eficácia.
Enfrentamento com Evitação Emocional	É a menos eficaz das estratégias de enfrentamento e só funciona por um curto período, pois inclui responsabilidades de si e dos outros; distração evitando focar no que ainda precisa ser trabalhado; negação; isolamento social e uso e abuso de substâncias.

.Fonte: William Worden (2013).

Como há uma relação da forma que a criança interpreta a morte com sua idade e nível cognitivo, é imprescindível que as melhores explicações sejam as lógicas, sinceras, objetivas e que tenham relação com as experiências da criança. Uma estratégia que pode facilitar o adulto a perceber se a criança não está distorcendo alguns fatos, é pedir para que ela explique o que lhe foi dito e ensinado. Além disso, confiar na criança, ser flexível diante de suas percepções e compreender se suas perguntas estão sendo respondidas, pode ser um bom caminho para o enfrentamento de situações.

Em síntese, o luto não finaliza da mesma forma para todas as crianças e pode ser revivido em diversas etapas posteriores da vida. É necessário conversar e explorar com a criança os seus próprios sentimentos e fantasias, quando ocorre uma morte próxima a ela, para que encontre subterfúgios necessários a fim de entender e suprir com suas necessidades. “Na brincadeira, entendida como uma situação de faz de conta, a criança, por meio de ações

e de palavras, transfere questões pessoais para o brinquedo e depois consegue verbalizar suas emoções, seu estado emocional”, (SENGIK; RAMOS, 2013, p. 384).

Aos poucos, e com um aparato emocional e lúdico ao seu redor, a criança vai compreendendo o significado e o desenrolar de uma perda e processa o ocorrido com uma capacidade maior de enfrentamento.

3.5 Luto e Sistema familiar

Entende-se que o luto é o tempo de reorganização de um projeto de vida em desenvolvimento. O luto pode ser também definido como as atitudes, os pensamentos e os sentimentos na ausência de algo ou alguém estimado. O luto deve ser considerado, sobretudo, uma experiência pessoal, situacional e social (KOVÁCS, 2008).

Como o luto é único e multideterminado, a dinâmica familiar pode facilitar ou dificultar o processo de vivência do luto em diversos níveis. É importante considerar três áreas principais do luto em sistemas familiares.

A primeira é a posição funcional, ou seja, os papéis que a pessoa que morreu ocupava no interior da família. A segunda área é a integração emocional da família, que aceitará o fato com mais facilidade ou não. E a terceira área a ser avaliada é como as famílias facilitam ou dificultam a expressão emocional.

É preciso saber e entender o valor que as famílias demandam para questões emocionais e a comunicação estabelecida, de forma que permita a pessoa a se expressar sentimentalmente ou não.

O fato de uma morte desencadear sentimentos variados e intensos, faz com que se torne muito importante a existência de momentos para a expressão dos sentimentos, tornando-os possíveis de serem vivenciados, identificados e que façam sentido para que os conflitos sejam resolvidos. Dialogando aberta e honestamente com a criança, ela acaba procurando suas próprias respostas para questionamentos acerca do tema, que usualmente estão além de sua percepção e capacidade de entendimento. É essencial que os pais e professores, que passam mais tempo com as crianças, explorem e desmistifiquem pensamentos mágicos e equivocados em relação à morte, de forma a construir uma ligação emocional eficaz e compreensiva.

“A conduta familiar pode deixar a criança confusa, sem esperança e frustrada quando o que lhe é dito difere daquilo que percebe à sua volta. Para criança, o processo do luto ocorre pela linguagem, seja verbal ou não”, (SENGIK; RAMOS, 2013, p. 386). Por isso, é de fundamental importância que a família não distorça o ocorrido, criando artimanhas para distrair

a criança para um fato inevitável que poderá causar traumas gravíssimos posteriores ao seu desenvolvimento. É preciso ajudá-la a construir um sentido para seu sofrimento, significar suas palavras, reações e ações, de modo a proporcionar tempo e espaço para a compreensão e assimilação da realidade e ausência. A família e os professores devem ser aliados nesses casos.

3.6 Como interagir com a criança em luto

Embora não exista um procedimento padrão para se tratar desse assunto, algumas referências e procedimentos podem ser úteis ao professor e cuidador. Segundo Torres, (2012, p. 170): “Para dialogar com a criança sobre a morte é preciso sensibilidade, para considerar a sensibilidade da criança”.

A seguir, o Quadro 04, veremos algumas orientações e cuidados que podem ser realizadas pela família, com apoio dos professores e escola no processo de mediação.

QUADRO 04: Principais apontamentos de como ajudar a criança enlutada.

1. É preciso que haja um adulto na vida da criança enlutada, capaz de compreender as necessidades, deixando-a segura e ajudando a expressar o que ela está sentindo.
2. Os jovens próximos de outros jovens enlutados se sentem diferentes por não saberem como é perder alguém, por isso a importância de momentos de conversa na sala de aula, para compartilharem experiências e vivências.
3. As crianças enlutadas precisam saber que não causaram a morte de seu ente querido, em razão da sua raiva ou deficiências. É possível esclarecer e falar sobre o falecido, tirando a culpabilidade da criança e ajudando-a, a ressignificar a pessoa falecida nessa nova etapa da vida.
4. As crianças de modo geral necessitam de informações claras sobre a morte, compreendendo o fato para não inventarem histórias excêntricas para suprir as lacunas que ficaram. É preciso orientá-las com palavras e modos apropriados à sua idade, sem romantizar ou ocultar a realidade.
5. É importante utilizar um vocabulário adequado, mas sempre empregar o termo “morte” para deixar claro e desmistificar a expressão.
6. As crianças enlutadas precisam de atividades de rotina estáveis e contínuas (seu quarto, sua casa, seus lugares de brincar).
7. As crianças precisam de alguém que escute e responda suas perguntas, sancionando seus questionamentos com seriedade e respeito, enquanto lidam com seus próprios sentimentos.
8. Perguntar a criança como ela está todos os dias pode ser benéfico, para que ela expresse o que sentir vontade.
9. As crianças enlutadas necessitam de formas de lembrar-se da pessoa morta. Como realizar um livro de memórias, juntamente com toda a família e amigos, recordando a importância da pessoa falecida nesse momento delicado.
10. Respeitar seu espaço e suas reações, pois a tristeza é um modo de estar vivo.
11. É preciso se comunicar de maneira simples, usando a própria linguagem da criança.
12. Observar e ouvir a criança se atentando para ver se houve mudanças no comportamento e em sua linguagem verbal e não-verbal.

13. Possibilitar a criança de fazer perguntas livremente, sem julgamentos ou restrições, promovendo uma comunicação assertiva, encorajando-a a se expressar, com conforto e confiança de diversas maneiras artísticas e lúdicas.
14. Deixar a própria criança estabelecer os limites das explicações e ser paciente.
15. Falar em tom de voz normal, suspendendo sussurros ou explicações piedosas.
16. Não esconder dúvidas e incertezas, como “não sei”. Questionamentos sem respostas fazem parte da vida.
17. Não dar ênfase a eufemismos, metáforas e símbolos sentimentais fantasiosos que podem trazer dificuldades de compreensão para a criança.
18. Impedir que a relação doença-hospital-morte seja interpretada sempre no mesmo sentido, para não criar traumas e medo futuros.
19. Quando a criança ou sua família tenha uma crença religiosa, é importante compartilhar a fé.
20. Sugerir caminhos para que a criança encontre sentido e naturalidade nessa nova etapa, sem esquecer e falar da pessoa que morreu, apoiando-a.
21. Abraçar e mostrar cuidados é também muito eficaz e proporciona ao professor um apelo de cuidador diante das necessidades da criança.
22. Questioná-la se ela quer contar aos colegas o que aconteceu ou se prefere que o professor o faça.
23. Compartilhar experiências de perdas semelhantes entre os alunos, deixando-os manifestar sentimentos.
24. Propor que os colegas chamem a criança enlutada para ficar junto, mas respeitando seu espaço e tempo.
25. Se o aluno enlutado estiver passando por momentos de raiva e agressividade, demonstrar que sua dor é compreendida, mas que ele não tem o direito de ser violento e descontar nos outros.
26. Explicar o que é um cemitério, se possível levá-los para conhecer, assim como o que são os rituais funerais e dia de finados.
27. Apesar de ser uma decisão pessoal e da família, estudos corroboram com a perspectiva de que quando as crianças têm contato e participam dos ritos funerais e despedida do falecido, as mesmas conseguem se recuperar com mais plenitude, pois elas se sentem importantes e envolvidas, se preparando antecipadamente para a cerimônia e assim, internalizando os fatos com segurança.
28. Se a escola perder algum funcionário, organizar um ritual de homenagem e despedida com a participação de todos os alunos, realizar atividades de conversa, plantar uma árvore, leitura de um poema, etc.
29. Elaborar atividades em que a criança possa levar uma foto do ente falecido para que ela possa compartilhar histórias e diminuir a ausência, consolando-o.
30. Orientar as outras crianças como agir com a criança, como oferecer um ombro amigo e respeitar o espaço do colega enlutado.
31. Fomentar os alunos a se expressarem emocionalmente, cada um à sua forma.
32. E o mais importante, ouvir as crianças de forma empática.

Fonte: Elaborado pela autora.

A partir dos estudos e pesquisas de Worden (2013) as crianças enlutadas precisam dialogar com os adultos que lhe darão orientações, acolhimento e cuidados para vivenciar o processo de luto.

3.7 – Possibilidades de reflexão sobre a Educação para Morte nas escolas

Muitas vezes falar de uma temática polêmica, trágica ou ameaçadora com uma criança não é uma tarefa fácil para os adultos. Temendo que uma má notícia possa interferir no comportamento e nas atitudes, os fatos sobre morte, doenças, violências, sepultamentos e

outros assuntos considerados mórbidos e chocantes são deixados de lado e mistificados, ocultando tais informações e alienando a criança, com medo de ferir seus sonhos e transformar seu mundo mágico e sem problemas, em algo que não dure para sempre.

Com isso, os responsáveis muitas vezes não são honestos e contam falácias a respeito da complexidade e finitude da vida. Ocultar a verdade, omitindo-a e reprimindo ao inventar argumentos deixam a criança confusa e ansiosa, dando falsas esperanças e subsídios que não correspondem aos fatos, podendo acarretar comportamentos compensatórios que influenciarão todos os aspectos da vida. Segundo a estudiosa do tema, Torres (2012), essa perspectiva prejudica o entendimento da criança para definir vida e morte, dor e perda, medo e conformismo, pois:

Para evitar ferir a criança e ser ferido é que o adulto adota a tática do silêncio em relação à morte, sob falsa alegação de que a criança não a compreende. Mas essa conspiração do silêncio além de ser uma estratégia inútil, é também uma estratégia inibidora para a criança. É uma estratégia inútil, uma vez que as fantasias, os jogos infantis e os dados resultantes de estudos sobre a aquisição conceitual da morte pela criança, [...], mostram que a criança sabe muito mais acerca da morte do que os adultos geralmente supõem. É uma estratégia inibidora porque a criança interpreta o silêncio como significado que ela deve guardar para si perguntas e sentimentos em relação a determinados assuntos.

Quando a criança finalmente descobre a verdade, acredita ter sido manipulada pelo descaso e desconfiança, podendo gerar pensamentos autodestrutivos. Além disso, perdas na infância que foram tratadas de maneira ineficiente ou ocultadas sem um diálogo aberto, reflexivo e afetivo, desencadeiam problemas durante a vida adulta, tornando a pessoa mais vulnerável e propensa a desenvolver distúrbios emocionais e sociais, devido ao fato de não ter recebido, no momento mais oportuno, os cuidados e atenção necessários, tanto por parte da família, como da educação escolar, que deveriam se articular e promover um diálogo e uma aproximação com essa criança para um adequado entendimento do processo de perda e luto. Oliveira (1998, p. 182) afirma:

A morte tem a ver com o consciente e com o inconsciente. A morte não é apenas um fato biológico, mas profundamente humano. A aceitação da morte constitui certamente um dos maiores sinais de maturidade humana, daí a necessidade duma educação sobre e para a morte, duma *ars moriendi*, porque a morte, melhor do que ninguém pode servir a vida.

De acordo com o estudo de Fronza, Quintana, Weissheimer & Barbieiri (2015), para os jovens, a interação que ocorre dentro das escolas que convivem grande parte do dia, são intrínsecas em seu processo de desenvolvimento, construção da personalidade e compreensão da sociedade, uma vez que esse ambiente é o seu principal foco de deslocamento e socialização. Desta forma, é neste espaço que ele constrói ou desconstrói

tabus e representações sociais, dando novos significados. O papel do educador é o de estar disponível para ouvir perguntas e mediar interações entre os jovens, formando uma rede de apoio efetiva e que faça a diferença, não fechando os olhos e separando aquilo que é pedagógico e psicológico do social. Segundo Caputo e Fornazari (2008, p. 05):

Cada vez mais vemos a morte adentrar os muros das escolas e atingir direta e indiretamente os alunos, tendo em vista que a morte tem cada vez mais invadido o cotidiano destes. Embora seja fato que a escola tem uma série de dificuldades para abrir espaço para tratar a morte, não tratá-la, no atual contexto, é uma atitude negligenciadora, uma vez que, os alunos passam a maior parte do seu tempo nesta instituição.

O dilema de como abordar isso no espaço escolar se torna uma preocupação à medida que os professores compartilham grande parte do dia com os alunos e a maneira de falar deve estar de acordo com a sua capacidade de compreensão. Tratar do tema é além de tudo, canalizar seus sentimentos, dúvidas, curiosidade e ações e oportunizar trabalhos com as habilidades socioafetivas da criança, como empatia, afetividade, autoconhecimento, autocontrole, resiliência, planejamento e equilíbrio emocional e preservação de sua integridade emocional. Kovács (2012, p. 77) reforça esta orientação:

É fundamental levar em conta o nível de desenvolvimento cognitivo das crianças para cuidar daquelas que viveram situações de perda e morte. O educador pode ter o papel de cuidador na escola, complementando o da família. Este papel é ainda mais importante quando os pais estão abalados pelas perdas vividas e não conseguem cuidar dos filhos. Professores, pela convivência diária com as crianças, têm conhecimento de suas reações e atitudes e podem ser referência para elas neste momento de sofrimento e dor.

A escola precisa cumprir diversos papéis e não pode se abster de tocar num assunto que mobiliza toda a sua comunidade. A equipe da escola deve estar disponível e preparada para ajudar a contornar a situação. Os professores atendem às necessidades dos alunos; a Coordenação e Direção, por sua vez, necessitam orientar os professores e oferecer suporte e comunicação aberta, além de apoio e ajuda às famílias, solidarizando-se e estreitando laços.

É dessa forma que o educador terá condições de compreender as nuances do luto e saber como e de que forma ele pode entrar no assunto e acolher a situação, atuando para o maior conforto do aluno. É preciso criar estratégias para que as crianças sintam-se livres e encorajadas para expressarem-se e ouvirem as experiências de pessoas próximas, tornando a situação mais humana e natural, respeitando a verdade e as especificidades de cada um. É interessante procurar relativizar o fim absoluto, ressignificando o que a pessoa falecida ensinou que ainda permanece vivo dentro das lembranças. A afetividade é importante nesse momento, assim como a troca e planejamento para encontrar soluções em um caminho mútuo.

É interessante desenvolver um modo especial de se falar do tema, com uma linguagem de fácil identificação e de forma mais honesta possível, que respeite a faixa etária e o desenvolvimento da criança, respondendo os questionamentos de forma simples. Explicar com exemplos concretos, usando plantas e animais, por exemplo, ajudam a esclarecer tornando a realidade possível, mas ao mesmo tempo, com ternura para não causar nenhum mal à criança. Vale ressaltar que o presente trabalho conta com um capítulo com exemplos de atividades pedagógicas que será explorado mais à frente.

O currículo escolar consiste em um elemento fundamental na constituição do sujeito, construído pelas relações de poder existentes na sociedade. É por essa razão, que ele deve ser pautado em temas da vida, pois a morte tem relação com diversos assuntos, faz parte do cotidiano e falar sobre ela conscientiza os jovens, fazendo-os refletir e elaborar seu luto, quando necessário. Ao mesmo tempo, ajuda a compreender situações inusitadas e inesperadas da vida, levando ao autoconhecimento. A educação então possui um caráter de aprendizagem significativa para lidar com tais questionamentos. É importante, para isso, que o aluno se sinta bem na sala de aula, criando uma atmosfera de confiança e diálogo. O professor deve se posicionar como um cuidador diante desses casos, levando em consideração as particularidades e cultura de cada aluno.

Tratar sobre a morte e seus sinuosos caminhos oferece uma busca de sentido à vida e, para tanto, uma educação que pressupõe o desenvolvimento de um ser de forma integral, tem o pressuposto de desenvolver o indivíduo para conhecer e prepará-lo para ela. “A importância de focar o tema da morte está ligada ao fato de que, ao falar desta, estamos falando da vida e, ao falar de vida, a qualidade da mesma acaba sendo revista”. (KOVÁCS, 2005, p. 486).

Em uma sociedade que convive com a morte banalizada, escancarada, temida e ao mesmo tempo, interdita, ocultada e reprimida, a educação para a morte aparece como finalidade para sua rehumanização, buscando um sentido para além do senso comum. Espaços para debater o tema são raros e informações incipientes são encontradas na escola, com os argumentos da falta de preparo dos professores, medo de desrespeitar convicções religiosas e pouco vínculo afetivo com os pais, demonstram a baixa possibilidade de trocas sobre o assunto.

Uma alternativa para combater esse universo caótico envolto de mistérios, consiste na parceria entre escolas e universidades. Para isso, é importante comentar sobre o LEM – Laboratórios de Estudos sobre a Morte no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, fundado em 2000, e sua principal concepção, a discussão da educação para a morte em ambientes que ainda precisam de um maior desenvolvimento e foco na área, formando uma práxis voltada para a qualidade de vida das pessoas.

Os jovens estão a todo o momento em contato com a morte, perdas e maneiras de superar eventos traumáticos, mas não encontram na escola um suporte adequado para a abordagem eficaz. Com o pressuposto de que os profissionais da educação não possuem preparo para falar sobre, e a partir do que foi analisado com os relatos e questionários do trabalho, é visível a extrema necessidade de inserir o assunto no planejamento e nas atividades didáticas regulares, como tema transversal e formas de prevenção e cuidados.

As propostas pensados pelo LEM, consistem:

- Atividades como o oferecimento da disciplina curricular de “Psicologia da Morte” nos cursos de formação inicial e continuada, que pode servir como subsídio para o professor compreender o processo de desenvolvimento de crianças em relação às perdas e ao luto.

- Propor espaços de formação para profissionais que convivem com pessoas que perderam entes queridos e precisam realizar uma mediação com diversos módulos, ou seja, fortalecendo o conceito de formação continuada.

- Suporte na elaboração de atividades pedagógicas para abordar diversos temas e redes de comunicação com profissionais que já passaram por situações de perdas e luto.

- Oferecimento de aporte teórico para o subsídio da formação de professores; uso de recursos interativos como o “Projeto Falando de Morte” e oficinas que ajudem na reflexão sobre a importância de um ambiente preparado para lidar com a morte.

- A partir de atividades vivenciais e reflexões sobre conceitos diversos, propiciar contato com os próprios sentimentos e compreender o processo da existência e da escuta para que as pessoas busquem seu caminho para a compreensão, entrelaçando conteúdos e partilhando apoio.

O Projeto “Falando de Morte”, criado pelo LEM, é um veículo facilitador para a interpretação, reflexão e aprofundamento na temática da educação para a morte, a ser usado no interior da sala de aula. Conta com alguns vídeos educativos que podem não oferecer respostas prontas, mas sim, oportunizar a comunicação e a troca entre crianças, adolescentes, adultos e idosos. Os vídeos possuem caráter preventivo e educativo, uma vez que oferecem recursos para ajudar, elaborar e vivenciar os processos de perdas e luto, de uma forma que sensibilize e compreenda as diversas fases do desenvolvimento para profissionais que têm sob cuidados essas pessoas.

Além de diversos livros, os vídeos “Falando de Morte: a Criança” e “Falando de Morte com o Adolescente”, embasam um conteúdo científico capaz de ajudar professores e famílias a trabalharem o tema de forma didática e interativa, favorecendo um aprofundamento das relações. Há inclusive, uma rede de apoio, com o intuito de levar à procura da própria

identidade e autoconhecimento. Os vídeos podem ser encontrados entrando em contato com o e-mail do site do LEM ¹.

Levar a discussão deste tema para os profissionais da educação, no interior da escola, têm muitos benefícios, pois independente do ano escolar e idade, a morte precisa ser encarada com seriedade e respeito. É importante reconhecer que esta etapa, é o fechamento de um ciclo.

3.8 Aproximações sobre o tema da morte nas escolas fazendo uso da Literatura Infantil como metodologia facilitadora de discussão

Há um consenso com relação ao comportamento infantil diante da morte, seja esta ocorrida dentro do seio familiar, no seu círculo de amizades ou até mesmo com algum animal de estimação ou conhecido da família: as crianças em muitos casos a partir de um diálogo aberto e estreito, inclusive na escola, acabam aceitando a morte de uma forma mais amena que os adultos.

A escola precisa saber dirigir o olhar para a criança que está passando por essa situação. “A intervenção visa possibilitar à criança, tornar-se dona de sua história, estando apta para contar e relembrar o fato, podendo enfrentar a realidade de forma mais adaptativa”. (WOTTRICH, PEREIRA, MOSTARDEIRO, SOUZA, QUINTANA, DIAS, CAPAVERDE, 2016, p. 03).

Partindo do princípio de que a escola e a família promovem a socialização das crianças, é preciso dar consistência ao trabalho pedagógico e é justamente nessa perspectiva que a educação para a morte deve estar presente, tanto como forma de conhecimento e prevenção, como para ajudar a minimizar os danos e elaborar seu luto após a perda de alguém próximo à criança. É frequente uma nuvem de dúvidas e confusões cognitivas que emergem nas vivências e fantasias em relação ao tema, quando ela percebe que todos ao seu redor estão agindo de uma forma diferente.

Na Educação Infantil e no Ensino Fundamental – Anos Iniciais, o pedagogo trabalha na formação da autonomia e opiniões próprias dos alunos com conceitos de tempo e finitude da vida, explicitando as fases de evolução, do nascimento, infância, adolescência, idade adulta e por fim, a derradeira velhice. Independente da opção religiosa que a família escolhe, o professor deve dar sequência com aquilo que já foi explorado pela criança em seu seio familiar e ir além, trabalhando com um consenso sobre ciência e religião, respeitando a crença

¹ Disponível em: lem@usp.br (site referência: <http://www.lemipusp.com.br/>).

de cada indivíduo e a diversidade de perspectivas existentes sobre o tema, tanto culturalmente, quanto socialmente, de forma a favorecer a expressão e opinião dos alunos. Quando a criança conhece as dificuldades e todas as questões que envolvem a morte desde cedo, ela tem maior compreensão sobre o fenômeno e como lida com ele.

As vivências dos professores são de incontestável importância, porém a fundamentação teórica e aprofundamento científico também são essenciais para um rebuscado aporte teórico acerca do tema. É preciso que o professor sinta conforto e segurança ao se deparar com esse desafio de discutir as percepções e desdobramentos da morte, pois oferecer consolo após a perda de uma pessoa significativa é um dos pilares para um bom processo de luto e enfrentamentos.

Não substituindo o contato e diálogo com o adulto, mas sendo um complemento essencial, é o uso de atividades lúdicas que auxiliam o professor e as famílias no contato com a criança para expressar a temática e seus sentimentos e emoções. Kovács (2012) afirma que propostas de caráter lúdico, por meio de jogos e brincadeiras, ajudam a criança enlutada a projetar e simbolizar a ausência do falecido.

É preciso instrumentalizar a equipe pedagógica no desenvolvimento de um trabalho educativo que contemple o tema da morte. Os adultos, muitas vezes não entendem que crianças enlutadas também sentem necessidade de brincar, e é válido ressaltar que elas enfrentam todo tipo de situação por meio de atividades lúdicas.

A utilização de tais recursos é sem precedentes a melhor forma das crianças se expressarem, uma vez que ainda não possuem um vocabulário rebuscado e pensamentos mágicos ainda são naturais. Por meio de brinquedos e desenhos e com a ajuda de adultos preocupados que acolham e levem a sério seus sentimentos, em busca da ordenação do mundo e da realidade abalada e frágil pós-perdas significativas, a criança se expressa e demonstra vulnerabilidade e anseios para compreender o processo de perda num período de instabilidade, em que precisa reestabelecer novas formas de entendimento. Além disso, o jovem não pode guardar para si e ser ouvido é o equivalente a ser reconhecido para crianças pequenas.

A Literatura Infantil é uma forte aliada. Textos reconhecidos e importantes como “**Né que quando a gente morre, a gente não vira estrela?: A temática da morte na literatura infantil**” (MELO, 2013) e “**A Arte de falar da morte para crianças**” (PAIVA, 2011), possuem boa orientação para oferecer aos que irão se aventurar no tema com crianças.

Há um grande repertório de livros infantis que abordam o tema de apego, morte, adoecimento, separação e perdas, sensibilizando e ensinando: A seguir, elencamos e sugerimos alguns exemplos no Quadro 05:

Quadro 05: Acervo de Obras Literárias que Abordam a Morte

Título da Obra	Autor	Ano
- A Montanha Encantada dos Gansos Selvagens; - O Medo da Sementinha; - A Operação de Lili; - A Menina e o Pássaro Encantado	Rubem Alves	1987 1987 1997 2010
- Na Corda Bamba - O Meu Amigo Pintor	Lygia Bojunga Nunes	1979 1986
Eu Vi Minha Mãe Nascer	Luís Fernando Emeadiato	2001
Pollyanna	Eleanor H. Potter	2006
A História de uma Folha: Uma Fábula para todas as Idades	Leo Buscaglia	2002
Dudu vai ao Hospital: Compartilhando Vivências de Crianças com Câncer	Lana Veras de Carvalho	2006
Conversando sobre a Morte: Para Colorir e Aprender	Carla Codani Hisatugo	2000
Sadako e os Mil Pássaros de Papel	Eleanor Coerr	2004
Os Porquês do Coração	Conceil Corrêa da Silva & Nye Ribeiro Silva	1995
Tempos de Vida – Uma Bela Maneira de Explicar a Vida e a Morte às crianças	Bryan Melloni & Robert Ingpen	1998
O Dia em que a Morte Quase Morreu	Sandra Blanco	2006
Morte – O que está acontecendo?	Karen Bryant-Mole	1997
“Quando os Dinossauros Morrem – Um Guia para Entender a Morte”	Laurie K. Brown & Marc Brown	1998
Menina Nina: Duas Razões para não chorar	Ziraldo	2002
O Dia em que o Passarinho Não Cantou	Luciana Mazorra & Valéria Tinoco	2003
O Anjo da Guarda do Vovô	Jutta Bauer	2003
O Coração e a Garrafa	Oliver Jeffers	2012
Para Onde Vamos Quando Desaparecemos	Isabel Minhós Martins & Madalena Matoso	2015
É Assim	Paloma Valdivia	2012
Mas Por Quê??	Peter Schössow	2008
- O Pato, A Tulipa e a Morte; - A Grande Questão	Wolf Erlbruch	2007 2003
A Árvore das Lembranças	Britta Teckentrup	2014
Harvey – Como me Tornei Invisível	Hervé Bouchard	2003
Quando Abro os Olhos	Agné Bruziene	2015
A Preciosa Pergunta da Pata	Leen Van Der Berg	2009
O Urso e o Gato-Montês	Kazumi Yomoto & Komako Sakai	2012
Íris – Uma Despedida	Gudrun Mebs	2013
Fico à Espera	Davide Cali	2005
Um Gato tem 7 Vidas	Luísa Ducla Soares	2011
Ficar Triste Não é Ruim: Como uma Criança Pode Enfrentar uma Situação de Perda.	Michaelene Mundy	2001

Os Amigos do Balacobaco	Ana Terra & Silvia Carmossa	2010
Quando Alguém muito Especial Morre: As Crianças Podem Aprender a Lidar com a Tristeza	Marge Eaton Heegard	1998
O Direito à Verdade: Caras para uma Criança	Leonardo Posternak	2012
Começo, Meio e Fim	Frei Betto	2014
O Passeio	Pablo Lungones	2017
O que é a Morte?	Thomas Baas & Michael Pequimal	2010
A Cadeira que Queria ser Sofá e Outros Contos	Clovis Levi	2014
A Avó Adormecida	Roberto Parmeggiani	2014
A Vida Não Me Assusta	Maya Angelou	2018
O Meu Avô Foi Para o Céu	Maria Teresa Mais Gonzalez	2013

Fonte: Elaborado pela Autora.

Neste breve levantamento de obras que nos propusemos a realizar, foi possível perceber a variedade e diversidade literária para falar de temas mais complicados, sem deixar os profissionais da educação em um jogo de cintura desagradável, pelo contrário, fazendo com que a troca entre professores e alunos seja enriquecedora para os dois lados.

Decidindo ir além, a partir de diversas pesquisas em livros de estudiosos da temática, foi possível elencar diversas atividades sobre conceitos relacionados à finitude que podem ser trabalhados em correlação às disciplinas diversas, utilizando o lúdico e a interação como fonte de recursos.

Em rodas de conversa, expor o assunto pode ser útil para realizar uma sondagem e descobrir o que os alunos já sabem sobre o tema, suas percepções, reações que podem variar com suas crenças pessoais e familiares, e que podem ajudar o professor a identificar, com aconchego e confiança e se aproximar dos jovens falando sobre o tema.

Um exemplo de atividade, que tanto para preparação e conhecimento da temática pelos alunos quanto se a situação já ocorreu, é a utilização de desenhos. Fazer desenhos que reflitam sentimentos, bem como experiências, pode facilitar pois são menos propensos às distorções defensivas do que a fala. O professor pode analisar e identificar a composição de cores escolhida pela criança, se os traços contêm agressividade, etc. Utilizar a arte com essa temática produz benefícios, como facilitar sentimentos, identificar conflitos que muitas vezes são inconscientes, fazendo com que se tome consciência da realidade e assim identificar em que estado se encontra a pessoa enlutada para oferecer ajuda e apoio.

Outro exemplo é fornecer almofadas com expressões faciais. Em um tecido preto, é possível montar um conjunto com diversas reações, como: triste, chorando, emocionado, assustado, confuso, com medo, bravo, feliz, surpreso, etc. Usando este artifício com crianças que possuem dificuldade de se expressar, é possível que elas escolham a que mais

representa seu estado emocional e a partir disso, o professor pode contornar a situação, procurando compreender e mediar e ajudando na expressão de sentimentos.

Uma atividade concreta é trabalhar em cima do significado do dia 02 de novembro, dia de finados. As crianças comemoram o fato de não terem aula, mas desconhecem a razão do feriado. Um passo além, que num primeiro momento parece estranho, mas é possível relacionar o passeio interdisciplinarmente com diversos conteúdos, é a visita à um cemitério. Como a maioria dos cemitérios são grandes jardins, repletos de árvores e um ambiente calmo, é interessante realizar uma visita para tornar o momento mais ameno.

Indo além, alguns filmes tratam do tema e podem ajudar a confortar de maneira lúdica e passível de interpretações. Filmes como **“O Rei Leão”** (1994); **“Bambi”** (1942); **“Viva – A Vida É Uma Festa”** (2018); **“Festa No Céu”** (2014); **“Meu Primeiro Amor”** (1991); **“Ponte Para Terabítia”** (2007) e **“UP – Altas Aventuras”** (2009); são exemplos de animações que retratam a morte e podem servir de subsídio para diálogos e constatações posteriores. Tal como enfatiza Bucar; Mautoni (2013, p. 59):

É preciso conversar sobre a morte de forma esclarecedora. Explique-lhes que a morte é definitiva, que todos nós morreremos um dia. Diga que se trata de um processo natural, inerente à vida, assim como as estações do ano, dia e noite, frio e calor”. “Se possível, mencione processos como a germinação das sementes e a metamorfose da borboleta. Deixe claro que nascer e morrer refletem uma alternância natural.

Diante da ausência e lacuna de uma abordagem sobre a morte no interior da escola, foi possível conduzir sugestões de atividades e projetos como estratégia de apoio, diálogo e conhecimento do tema e realizar um suporte em momentos de situações frágeis que mobilizam toda a vida escolar.

4. VIVÊNCIAS, FORMAÇÃO E PRÁTICAS RELACIONADAS AOS TEMAS MORTE, PERDAS E LUTO: RELATOS E DEPOIMENTOS DE PROFESSORAS

4.1 O caminho metodológico até chegar aos participantes

Além da revisão de bibliografia realizada neste Trabalho de Conclusão de Curso foram convidados a participar deste estudo 10 professores de Ensino Infantil e do Ensino Fundamental – Anos Iniciais de uma Escola Particular da cidade de Bauru, São Paulo. A escolha em dialogar com esses profissionais deve-se ao pressuposto de que estes trabalham, planejando e desenvolvendo atividades curriculares para os alunos, além de conviverem e participarem diariamente da vida das crianças. O convite foi feito para todos os profissionais que trabalham com crianças na instituição de ensino escolhida.

Dos 10 professores, 5 aceitaram participar deste estudo, tendo em vista a importância de manter o sigilo da identidade das professoras, elas serão identificadas apenas com a letra P e um número. sendo P1, P2 e P4 de Ensino Infantil e P3 e P5 do Ensino Fundamental – Anos Iniciais de escolas públicas e particulares. P1 e P2 concederam entrevista e P3, P4 e P5 responderam a um questionário. O Quadro 06 caracteriza cada uma das profissionais que aceitaram participar do trabalho.

QUADRO 06: Caracterização das Professoras Participantes.

Professoras Entrevistadas	Idade	Quanto Tempo Atua como professora	Nível de Atuação Profissional	Instrumento de coleta
P1	24	2 anos.	Ensino Infantil I.	Entrevista.
P2	37	8 anos.	Ensino Infantil II.	Entrevista.
P3	51	28 anos.	Ensino Fundamental I (2º e 3º ano).	Questionário.
P4	41	6 anos.	Infantil V.	Questionário.
P5	43	22 anos.	Ensino Fundamental I (Coordenadora Pedagógica).	Questionário.

Fonte: Elaborado pela autora.

Tanto o roteiro de entrevista quanto o questionário foram organizados em quatro blocos temáticos: 01) Experiências pessoais sobre morte, perdas e luto; 02) Formação Profissional do Professor, relacionada a temática em estudo; 03) Práticas Educativas sobre a Morte e o Morrer; 04) Avaliação da Entrevista (Apêndice 1).

Importante destacar que todos os professores foram convidados para a entrevista, porém houve bastante dificuldade no agendamento e disposição dos mesmos. Nas primeiras entrevistas, de P1 e P2, as participantes ficaram bastante emocionadas e como os outros

convidados eram da mesma escola, avaliamos que os demais foram declinando do convite. P3, P4 e P5 preferiram preencher o questionário.

O contato foi feito por meio da direção da escola ou convite individual. Às professoras contatadas foi entregue uma carta convite e o termo de consentimento livre e esclarecido (Apêndice 2). Os termos explicam os objetivos do estudo que lhes resguardam o direito de sigilo, participação voluntária e possibilidade de desistir da entrevista a qualquer momento. A carta convite e o termo de consentimento esclarecido foram lidos pela aluna pesquisadora, juntamente com as participantes, antes da entrevista. Após a entrevista, as participantes assinalaram o termo de consentimento livre e esclarecido.

Depois que as participantes assinaram o termo, foi realizado um encontro presencial e diversos contatos por e-mail e telefone, com duração aproximada de 60 minutos cada. Cabe ressaltar que as entrevistas foram realizadas em uma sala reservada, em data e horário apropriados para as participantes, bem como serão áudio gravadas para fins de registro e análise de dados. Os questionários tiveram de ser realizados à distância, porém, a Professora Orientadora do trabalho fez toda a mediação e intervenção necessária para que não houvesse nenhum dano às participantes, por se tratar de um tema emotivo e singular.

4.2 A Organização e a Análise dos Relatos nas Entrevistas e das Respostas ao Questionário

Focando em um estudo exploratório, “pretende não partir de uma visão predeterminada da realidade, mas apreender riscos e imprevistos que envolvem uma determinada situação, a fase exploratória se coloca como fundamental para uma definição mais precisa do objeto de estudo”. É o momento de especificar as questões ou pontos críticos, de estabelecer os contatos iniciais para entrada em campo, de localizar os informantes e as fontes de dados necessárias para o estudo. (LÜDKE; ANDRÉ, 2012, p. 22).

As análises dos dados coletados nos relatos das entrevistas e questionários foram realizadas em três etapas com base nas etapas propostas por Bardin (1973), para análise qualitativa de relatos na área da Educação, que prevê três fases: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados, por meio de inferências e interpretações, a saber:

- Etapa 1: Escuta e transcrição integral das entrevistas e leitura das respostas ao questionário aplicado.
- Etapa 2: Síntese do que foi relatado e registrado pelas participantes em cada bloco temático.
- Etapa 3: Análise dos registros por bloco temático, buscando responder: a) o que os professores conhecem sobre Educação para a Morte, enquanto experiências pessoais e

enquanto área de estudo e conhecimento em sua formação profissional; b) quais são as práticas educativas e interação de comportamentos voltadas para a temática; c) o impacto das temáticas abordadas em Educação para Morte, no contexto da escola (alunos, familiares, colegas de trabalho, direção e comunidade), ou no caso, a falta dela; d) viabilidade de introdução das temáticas abordadas em Educação para a Morte nos conteúdos curriculares, se possível como abordar, o que abordar, por que abordar, para que abordar; e) efeitos desta abordagem sobre os conteúdos curriculares e na vida dos alunos; e) proposta de Oficina para atender as demandas dos profissionais; f) buscar obter conhecimentos científicos, a respeito de possíveis procedimentos metodológicos facilitadores para o planejamento e desenvolvimento de formação para Educação para a Morte.

4.3 Considerações éticas do estudo

Às participantes foram garantidos todos os direitos apresentados e explicitados na Carta Convite, Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Importante informar que o projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da UNESP, Campus de Bauru.

foi explicitado os possíveis benefícios do estudo, sendo que a partir do mesmo foi possível refletir e analisar sobre a importância do tema e de que forma ele se faz presente na escola em diversas situações. Além disso, a qualificação dos profissionais na área é um avanço importante na abordagem do tema.

4.4 Apresentação e análise dos relatos e depoimentos das professoras participantes

A articulação entre os relatos e registros das participantes ressignificaram as informações obtidas, qualificando a análise das mesmas. Conhecendo as concepções das entrevistadas, foi possível intervir e interpretar os dados, em uma discussão entre aspectos e ideias similares e divergentes. Em alguns momentos da entrevista, a Professora Orientadora do trabalho comentou trechos, a mesma está identificada como “E” durante a transcrição. As falas compostas pela Professora Orientadora do trabalho, enriqueceram o conteúdo e proporcionaram momentos de reflexão com as entrevistadas. Além disso, a partir do contato conosco, as professoras passaram a problematizar as questões e espera-se que direcionem seu olhar para um lado mais afetivo e humano com seus alunos. Em relação ao questionário, a Professora Orientadora conversou com todas as entrevistadas em particular depois de respondidas as questões, oferecendo suporte e apoio.

Os trechos foram transcritos literalmente das entrevistas e das respostas ao questionário, bem como foram selecionados à medida que pudessem esclarecer a compreensão e discussão do trabalho.

Desde o início do trabalho sentimos dificuldades em realizar as entrevistas por se tratar de um tema espinhoso e particular. Isso é perceptível ligando os fatos aos entraves que sofremos em conseguir marcar reuniões com professores, sendo que somente as duas primeiras (P1 e P2, aceitaram conversar pessoalmente, na presença da orientadora do trabalho e minha). O restante das professoras, somente concedeu com a condição de relatarmos em um questionário escrito com respostas simples, sem detalhamentos precisos.

Sentimos muito pesar, pois o relato do tema é comovente, emocionante e necessário ser dialogado pessoalmente como forma de intervenção e troca de experiências. Além disso, as entrevistas, a priori, contavam com a oferta de uma Oficina oferecida pela Professora Orientadora com o respaldo teórico necessário de modo a fomentar no processo de conhecer e promover maneiras de levar os assuntos levantados nesse estudo para o cerne da sala de aula.

Porém, não houve respostas efetiva de interesse sobre a Oficina, dessa forma, percebemos que apesar de reconhecerem a importância do tema e colocarem-se à disposição, o estigma continua impregnado no interior da escola, deixado somente nas mãos dos profissionais da saúde a compreensão do fenômeno da morte. Além disso, não deveria haver dissociação entre Pedagogia e Psicologia, ambas devem andar de mãos dadas para uma maior relação entre temas complexos como o em questão.

Nos estudos de diversos autores, nota-se a separação e o tratamento das questões de morte como algo que não deve aparecer e sequer ser mencionado na escola, propagando ideias errôneas a respeito das concepções de educação para a morte que contribuem no desenvolvimento infantil e mantendo-as “alienadas”, pois acreditam estar fazendo o melhor, quando na verdade, a criança precisa e consegue compreender a morte.

Vale ressaltar, que os documentos oficiais que respaldam a Educação Brasileira, segundo Wottrich, Pereira, Mostardeiro, Souza, Quintana, Dias e Capaverde (2016), os Parâmetros Curriculares Nacionais (2016), possuem um aporte teórico transversal que pode ser trabalhado na temática da morte, como um assunto interdisciplinar.

No volume de Ciências Naturais, a morte aparece de forma implícita em diversos momentos, e cabe ao professor aprofundar e debater sobre, reconstruindo a relação homem-natureza, (BRASIL, 2001). A morte é encontrada como interdependência entre os organismos vivos e a relação de cadeias e teias alimentares, quando é preciso que um animal morra para que outro sobreviva. Um outro ponto, é a concepção do corpo humano e suas especificidades e um último conteúdo abordado, é a questão da finitude dos seres vivos, permitindo que o

assunto vá além, se integrando a outros conteúdos de forma natural e didática ao ambiente escolar, tornando-se uma prática inerente à vida como um todo.

Embora não tenha sido realizada a Oficina, consideramos que o momento das entrevistas ou mesmo de preenchimento do questionário um início de intervenção pedagógica na formação continuada das profissionais participantes, pois, coletando esses dados é possível realizar um panorama geral da situação e quais os temas emergentes que mais precisam ser discutidos. De acordo com Kovács (2012, p. 77):

A formação do educador precisa ser repensada para incluir a questão da morte, luto, comportamentos autodestrutivos e formas de acolhimento de crianças e adolescentes vivendo estas experiências. O educador com atitude empática pode ser mediador de conversas entre adolescentes, tornando a morte familiar. Quando se fala em preparo para lidar com a morte, não se propõem receitas, ou respostas gerais. Trata-se de questionamento, autoconhecimento, sensibilização e abertura pessoal.

Em diversos momentos as entrevistadas disseram que não sabiam como lidar com os temas abordados, por nunca terem presenciado as situações estudadas com seus alunos e por isso, apenas relataram sobre suas próprias experiências, o que pode também ser considerado como de fundamental importância, visto que para abordar o tema com plenitude, é necessário que os professores já tenham avaliado suas experiências pessoais, para que possa abordar sentimentos, pensamentos e sensações vividas por seus alunos

4.4.1 Bloco 1: Concepções sobre a Vida, a Morte, as Perdas e o Luto

Esse bloco buscou identificar as experiências pessoais das participantes com os temas em questão e procurou deixar com que se expressassem e contassem suas vivências e histórias.

Inicialmente foi possível constatar a polarização entre as concepções de vida, como algo positivo e morte como algo negativo. Há também o enraizamento cultural muito forte presente em todas as falas e registros, com fortes concepções religiosas na abordagem dos temas.

VIDA:

“É conhecer, explorar, viver o hoje e não pensar no amanhã. Ser feliz”. (P1).

“Vida é alegria, buscar e dar o melhor de si, é difícil definir quando paramos para pensar. Mas para mim é isso, dar o melhor para o outro e não ficar esperando muito em troca. A cada chance que tivermos de acordar e viver intensamente e poder fazer o melhor, enfim, viver o momento”. (P2).

“Existência – alegria – princípio”. (P3).

“Alegria! Esperança! Planos! Sonhos! “Viver e não ter a vergonha de ser feliz!” (Gonzaguinha)”. (P4).

“Movimento, energia e realização”. (P5).

MORTE:

“Tristeza”; “O meu inconsciente acredita que algumas pessoas são eternas”; “Eu nunca espero a morte”; “Eu tenho esperança, pode estar muito doente, na UTI, eu acredito que ainda vá conseguir sobreviver”; (P1).

“A pessoa mais próxima que eu perdi foi a minha avó, mas foi muito sofrido, é muito triste, pois considerava ela uma mãe. Só de pensar na morte dela eu já sofria”; “Fico pensando como seria passar pela morte de uma pessoa próxima ou querida para as crianças. Se para mim, que tenho uma consciência de certas coisas já é tão difícil, imagina para as crianças pequenas”. (P2).

“Perda – tristeza – fim”. (P3).

“Vazio; desesperança; tristeza; lágrimas; silêncio; dores”; “Hoje, falho de ti, sou dois a sós...” (Fernando Pessoa). (P4).

“Fechamento de ciclo”. (P5).

LUTO:

“Nem eu mesmo como professora sei lidar com isso”; “Meus avós faleceram ano passado e mesmo sendo idosos, me pegou desprevenida”; “O luto é um sentimento, é pessoal, é como uma angústia; “Mas também é algo que passa, como uma saudade eterna”; “As perdas passadas doem mais do que pensar nas de futuramente”. (P1).

“Eu me lembro dela com muita alegria porque ela era uma pessoa maravilhosa, mas é uma coisa que eu ainda sofro muito”; “Faz um ano e meio e eu acho que é muito difícil conseguir lidar pensando sempre no lado bom dela, nas coisas boas que eu via dela e que ela me ensinou”. (P2).

“Momento reflexivo, de dor, tristeza e conforto (consolo)”. (P3).

“Fechamento; escuridão; angústia; solidão; vale sombrio; saudade”; “Não, meu coração não é maior que o mundo. É muito menor. Nele não cabem nem as minhas dores”. (Carlos Drummond de Andrade)”. (P4).

“Momento de entender a dor, para depois vencê-la”. (P5).

PERDAS:

“Às vezes um recomeço”. (P1).

“Ela era uma pessoa que eu admirava, pois falava sempre de coisas positivas. Hoje em dia a maioria das pessoas não é assim, não vê o lado positivo das coisas, as crianças,

então, eu fico pensando o que vai ser delas, o futuro delas. Até mesmo meu filho de 16 anos, eu tento mostrar o lado bom das coisas, mas parece que eles só querem mostrar as coisas ruins e eu vejo que os jovens são assim. Frustram-se por poucas coisas, sofrem por coisas tão pequenas. Penso o que vai ser delas quando passarem por coisas e situações mais difíceis na vida”; “E acho importante ter essa visão, porque eu vejo que eles não estão preparados para as frustrações”; “Eu vejo também que os pais não os ajudam a passar por frustrações, querem evitar que se frustrem”; “Essa é a minha grande preocupação como educadora, eles não querem que eles passem. Não tem que ser “ele chorou, eu deixei”, “ele pediu, eu fiz”, “não porque eu fico pouco tempo com meu filho, então preciso recompensar esses momentos”; “Eles tentam compensar, mas lá na frente isso vai fazer a diferença”. (P2).

“Apenas mostrar o lado bom para as crianças, mas e o “lado” ruim? Dualidade de coisas boas e ruins”. (E).

“Dor – Tristeza”. (P3).

“Derrota; frustração; tristeza; desconforto: “A dor da perda não passa com o tempo, pelo contrário... viva companhia”. (P4).

“Resiliência, novos caminhos”. (P5).

PERDAS PASSADAS E ENFRENTAMENTO:

“Eu lido bem com a morte, mas acho que foco mais nas pessoas que ainda estão aqui, no carinho delas”. “Uma saudade eterna que fica, mas que tudo passa no final”; “Meus avós já foram então acho que quando penso nisso dá um aperto, mas aí me lembro das pessoas a minha volta”. (P1).

“Lembro-me da minha vó com as coisas boas que ela fazia um exemplo de pessoa, sempre positiva, com muita fé”; “como eu sei que ela não vai voltar, então eu vejo fotos, vídeos, falo e lembro dela sempre sorrindo”; “No meu caso tudo que ela me ensinou e trouxe de bom, vou seguir como exemplo”. Então eu choro de saudades, não de dor por ela’. (P2).

“Sim. Pais, avós, bisavós, cunhado. Meu pai, 9 anos. No começo bem difícil pela ausência física, agora mais tranquilo por ter muitas lembranças boas e a presença constante de atitudes vividas e aprendidas que estão sempre comigo”. (P3).

“Sim. Minha única filha. Faz 18 meses que ela partiu. Desde a sua partida, viver para mim, ficou muito difícil. Ela era minha grande amiga, companheira e meu grande amor”. “Sinto-me amputada, indignada e frustrada com sua partida. Inacreditável e inaceitável ainda”. (P4).

“Sim, avós e pai. Como já faz um tempo que eles faleceram, o momento de luto passou, no lugar da dor tem a saudade”; “A perda do meu pai foi um momento de reconstrução e ressignificados para muitas coisas das quais acreditava. Acho que a possibilidade da morte, infelizmente nos faz valorizar um pouco mais as pequenas coisas que possuímos, como a companhia daquele que gostamos, das brincadeiras, do almoço nos domingos...”. (P5).

PRÓPRIA MORTE:

“É uma coisa que sabemos que vai acontecer, mas eu não penso”; “Não gosto de pensar que um dia eu vou morrer”; “Tenho muitas coisas para fazer, muitas coisas para viver, é uma coisa que fico angustiada se eu começo a pensar assim “e se amanhã eu morrer?”; “Eu sou muito materialista, muito pé no chão. Quero fazer e quero viver muito ainda”; “Mas no geral, se eu pensar na minha própria morte ou de qualquer pessoa pra mim é doloroso”; “Eu sei que acontece, mas pra mim é doloroso”. (P1).

“Penso no lado afetivo, das pessoas, no sofrimento das pessoas que vão ficar, como meu filho, por exemplo”; “Na minha ausência para outras pessoas”; “Penso muito nas causas da morte, mas não ligo para isso”; “Tento fazer o bem, para ser acolhida por Deus. Religião é algo importante para mim”. (P2).

“Às vezes. Estranho. Um pouco de tristeza, angústia. Mas não pelo fato, mas sim, pela forma de ser, com sofrimento”. (P3).

“Hoje penso sim. Antes de passar por essa experiência com minha filha e toda a doença que a acometeu. (um tumor por 11 meses) eu não pensava.”; “Penso que não desejo ter sofrimento (é claro!) e penso em morrer e logo! Desejo ansiosamente me encontrar com ela e voltar a ser feliz”. (P4).

“Não muito, acho que a correria do dia a dia não deixa a gente parar um pouco pra pensar nisso. Mas uma preocupação é certa, como ficarão meus filhos se a vida se interromper cedo demais?”. (P5).

PERDAS FUTURAS:

“Mas pensar, por exemplo,” minha mãe pode falecer”. Sim ela pode. Mas como ela está aqui não fico pensando nisso”. (P1).

“Penso como seria insuportável se perdesse meu filho ou minha mãe”; “Eu não sei como seria. É difícil você pensar numa coisa que não passou, só consigo supor o quão terrível seria”; “Quando penso já fico “ai, meu Deus!”; “Eu penso em mães que já perderam o filho, mas eu não consigo pensar se fosse comigo, não sei como seria”; “Eu fico pensando no meu filho, o que seria ele sem mim”; “Penso no lado religioso e no lado de deixar as pessoas”; “Não sofro tanto, vivo cada dia”; “Fico pensando e sofrendo mais de eu perder meu filho do que de eu morrer”. (P2).

“Um pouco difícil pensar que tenho que passar por isso sabe se lá, quantas vezes. Penso em conseguir enfrentar tudo”. (P3).

“Hoje “lido” melhor com a possibilidade de alguém próximo a eu morrer. Há 7 anos atrás perdi minha querida mãe. Essa experiência já me preparou um pouco para a possibilidade de pessoas que amamos tanto, serem finitas, embora nunca tenha pensado

antes, na morte prematura da minha filha única, aos 17 anos (sendo que ela nunca apresentou indício de doença grave)". (P4).

"Confesso que temo pela perda de um filho, acho que seria algo irrecuperável". "Não gosto de velório, não acho reconfortante". (P5).

PERDAS DE UMA MANEIRA GERAL:

"Eu sou bem chorona e me apego muito às pessoas. Eu tenho dificuldade de lidar com a perda, dependendo do que é. Como por exemplo, a perda de uma amiga que me decepcionou". "Eu sei lidar com as decepções, ergo minha cabeça e vou viver, mas me dói de uma forma gigantesca"; "Achei que não fosse conseguir amar outra pessoa, mas eu ergui minha cabeça depois de um tempo, de chorar bastante, falei "não, eu vou pensar em mim mesma agora" e eu acho que isso foi muito bom". "Para as minhas frustrações, perdas e decepções, todas contribuíram muito para o meu crescimento. Acho que tudo isso fez eu crescer muito e hoje eu sei lidar melhor"; "Mas sempre me questiono, "poxa, eu fiz tanto para aquela pessoa, por que ela me prejudicou?". (P2).

"A questão da separação é muito presente. O autoconhecimento também é muito importante para a profissão, ao lidar com esses temas". "Saber ministrar os próprios sentimentos para somente assim saber lidar com os sentimentos dos alunos, entendendo e interpretando-os, oferecendo suporte". (E).

"Eu me abalo muito, mas com o sofrimento que passei de várias coisas na vida e perdas de pessoas e amigos queridos, acho que amadureci. Então não é que eu não sofra mais, mas a intensidade é menor"; "Antes eu me doava para as pessoas e esquecia um pouco de mim, hoje eu estou aprendendo a pensar também em mim"; "A vida é assim, nem sempre ficamos bem com as pessoas". (P2).

A partir do relato das entrevistadas e dos registros do questionário foi possível categorizar como tais temas são difíceis e sensíveis de serem conversados, e mesmo com adultos, é algo espinhoso e delicado, representando a influência, impossibilidade e sentimento de despreparo e desamparo para conseguir falar sobre com seus próprios alunos. O medo de se opor a preferências da família e da falta de embasamento teórico, são questões pessoais das profissionais que vinculam a imagem da morte e ficam à margem do processo de ensino e aprendizagem, deixando uma lacuna de questões a serem abordadas de modo direto. Além disso, as próprias decepções constatadas pelas professoras, como por exemplo, não terem com quem falar ou com quem poderá de fato entender seu sofrimento, refletem a falta de preparo para lidar com as expectativas das crianças. Segundo Kovács (2012, p. 74):

"educadores precisam entrar em contato com sua visão de morte, seus processos de luto, já que exercem influência significativa em seus alunos,

atentos às suas palavras e ações. É importante haver espaço para emoções e sentimentos, favorecendo a comunicação”.

Logo, quando o professor reflete sobre sua própria condição e se coloca no lugar do outro, ele se dá conta disso, ele consegue fazer uma relação entre suas próprias vivências e pode ajudar no encaminhamento de seus alunos, oferecendo cuidados e acolhendo-os no período em que permanecerem na escola.

4.4.2 Bloco 2: Formação profissional

O segundo bloco procurou abordar e entender se as profissionais tiveram algum contato com os elementos presentes nesse estudo em sua formação acadêmica e de que maneira a falta de conhecimento e informação afeta em suas escolhas profissionais em diversos momentos que os temas poderiam ter sido explorados no conteúdo e planejamento escolar e proporcionado suporte para momentos de interação na sala dos professores e na sala de aula com os alunos.

Segundo Kovács (2008), a Educação para a morte envolve pensar sobre o tema em muitas dimensões, como por exemplo, a principal destas dimensões é a de aspecto cultural (conhecimentos, crenças, rituais valores) e afetivo. Para tanto, é preciso oferecer subsídios para que os professores encontrem maneiras de correlacionarem o tema com o ambiente escolar, pois os jovens passam cada vez mais tempo na escola e é necessário a criação de espaços de reflexão e diálogo para se tornar natural a exposição do tema. Diante do não saber e da falta de preparo para abordar, as entrevistadas se respaldam e amparam-se nas próprias crenças para momentos que precisam entrar em contato com a morte.

Ainda no Bloco 2, as participantes relataram sobre a formação profissional, após serem indagadas:

Você estudou algo sobre isso na graduação de uma maneira geral? Viu algo referente às temáticas em questão? Acha importante estudar sobre?

“Não vi nada disso na faculdade”; “Muitas vezes, agimos como achamos e não como aprendemos nessas situações, para lidar com aquilo”; “É um jogo de cintura”; “Muitas vezes quando sabemos que os pais das crianças se separam ou perdem os avós, eles sofrem muito e tentamos conversar, tentar trazer alguma coisa, mas a criança fica nisso, porque nós não temos esse conhecimento pra passar”; “Na faculdade isso era uma coisa da Psicologia, e não da Pedagogia”; “Não tive nada na faculdade sobre coisas que acontecem no dia a dia”. “Acho que é importante comentar disso, pois são muitas as perdas que temos nos dias de hoje”; “Perdas como separações, a morte, frustrações”; “Você se frustra quando alguma coisa não acontece como é esperado. E muitas vezes, os pais não sabem lidar com isso e eles procuram

alguma coisa na gente, e nós muitas vezes não sabemos como, só conhecemos aquilo que vivenciamos no dia a dia, mas não alguma coisa concreta pra gente poder passar”. (P1).

“Não vi nada na minha graduação sobre. O que eu tenho experiência disso é da vida mesmo, familiar, palestras, estudos, mas nada específico num curso”. “Eu acho importante tratar desses temas. Mexer com os sentimentos, com as emoções das pessoas, até pra sabermos lidar melhor com as crianças quanto a isso”. “No outro colégio que trabalho, eles fizeram para os profissionais um dia de conversas só sobre frustrações em geral”; “Como lidar com elas, como acontece, como abordar isso, foi bem importante para a nossa prática”. “Minha faculdade foi mais o teórico mesmo e a prática, os estágios”; “Na Pedagogia algumas coisas são passadas, somente. Eu não saberia entender muitas coisas só com o embasamento da faculdade. Se não fosse a convivência e aprofundamentos, como seminários e congressos, pois são nesses momentos que eu aprendo um pouco mais”. (P2).

“Essas questões nunca foram abordadas”; “Mas acredito que devemos estudar sobre isso sim. Como parte do currículo dentro da Psicologia ou em cursos”. (P3).

“Não. Nunca foi abordado”; “Mas sim tais temas deveriam ser tratados! Na Educação Infantil através de contação de histórias (livros, fantoches), músicas, etc. Falar e vivenciar o ciclo da vida das plantas (nascer, crescer, reproduzir e MORRER!). Se aproveitar de situações rotineiras para abordagem do assunto, como quando o avô/bisa morre, explorar o assunto com delicadeza. Palestras também”. (P4).

“Não”; “Mas acredito que sim. Até pela dificuldade de muitas pessoas em conversar abertamente sobre o assunto. Talvez palestras, depoimentos”. (P5).

Questão sobre as reuniões pedagógicas no outro colégio da entrevistada:

“Essas reuniões ajudam porque abordam temas e questões do nosso dia a dia”; “Apesar de que não tivemos nada específico da temática “morte e o morrer”, somente uma vez, que falamos sobre frustrações”. “Nessa escola as reuniões são pautadas no pedagógico, planejamento, etc. Na outra escola, é a psicóloga que trabalha lá que propõe esses outros temas para nós, como amor ao próximo também. São oficinas que pesquisamos e apresentamos pros colegas como um diálogo. São vivências bacanas e importantes para a interação profissional”. (P2).

4.4.3 Bloco 3: Práticas profissionais e educativas sobre a morte e o morrer

O terceiro bloco sustentou as discussões anteriores do conhecimento acerca das temáticas e de como os aspectos pessoais das entrevistadas são fortemente levados em conta, além das frustrações pessoais, com os pais dos alunos, sentimentos das crianças e

modo como abordar, controle das próprias emoções, da forma como dissociam a parte pedagógica da psicológica, queixas, e de como elas não se colocam no lugar dos alunos. Além disso, é importante analisar a polarização cultural dessa temática que é fortemente permeada por tabus, preconceitos, religiosidade e cultura, expondo a importância de investir na formação continuada.

O trabalho pedagógico sobre a morte articula e desperta dimensões sentimentais, refletindo nas práticas tanto dos alunos quanto no professor. Como o professor é a referência na sala de aula, é preciso reelaborar a forma como oferece suporte e preparo para conseguir realizar uma mediação apropriada para seu aluno em situação de risco.

Nas suas aulas, você com seus alunos, tem algum momento que essas questões são faladas e abordadas?

“Falo um pouco sobre sentimentos e um pouco sobre frustrações, mas com outras palavras porque eles ainda não entendem a terminologia”. (P2).

“É preciso deixar as crianças se expressarem, não barrar sentimentos e emoções. Elas precisam se sentir confortáveis na sala de aula para poderem sair de sua zona de conforto tranquilamente e tendo em quem confiar”. (E).

“Porque eles não precisam ficar tristes só porque aconteceu algo, não tem necessidade. A gente aborda os momentos sobre algo que aconteceu ali. E em rodas de conversa eu falo sobre muitas coisas.”; “Eu sempre pergunto, “mas precisa chorar por conta disso? Não tem necessidade”; “É só falar pra tia que eu resolvo, é só pedir desculpa para o amigo”. (P2).

“A falta de autonomia das crianças na hora da resolução de conflitos é algo complicado. Não podemos menosprezar, impedir que expressem sentimentos”. (E).

“Não. É muito difícil tratar do assunto pela diversidade religiosa e teóricas que cada um têm. (bagagem)”. (P3).

“Hoje em dia são. Faço conforme surge a oportunidade que mencionei no bloco e item anterior”. (P4).

“Difícilmente falamos sobre, somente se o aluno trazer alguma indagação”. (P5).

Sugestão de atividades: Eles trazem esse tema? Ou você faz um planejamento que aborde isso?

“Os meus alunos são muito pequenos, então não”; “As histórias para essa idade não trazem a morte. Nessa faixa etária, não há nada que faça uma abordagem sobre isso. A não ser as plantas, quando morrem e nós precisamos explicar, etc.”. (P1).

“Sobre morte eu nunca abordei, nunca tive nenhum momento em que um aluno passou por isso”; “Em oito anos eu nunca tive um aluno que estivesse passando por uma situação ou sofrimento de alguma coisa que eu precisasse abordar”. (P2).

“A questão da empatia, expressar sentimentos. Nenhum sofrimento ou angústia são detectáveis mesmo?” (E).

“Autoconhecimento; expressar sentimentos e viver a saudade) aprender com as experiências, refletir sobre a própria vida e modos de minimizar. Enfrentar é diferente de sofrimento”. (E).

“Alguns alunos já trouxeram relatos sobre a morte dos avós e bichos de estimação. Nos momentos de tristeza, apenas reconfortei”. (P5).

Questão das frustrações e perdas:

“A perda em questão, sim, de brinquedos, por exemplo.”; “Eles não conseguem lidar com a perda. As reações deles são de bater. Mas eu sempre procuro dizer que há alternativa, que é preciso se acalmar, que vamos conseguir arranjar outra coisa para fazer”; “Para sair daquele foco, procuro outro. Não sei se é o correto, mas é o que eu faço.”; “É algo do momento, não tem um efeito prolongado depois, temos sempre que ficar reforçando”. (P1).

“Talvez por nunca ter presenciado, eu nunca tenha pensado em comentar. Já tive alguns que perderam os avós, que apenas faltaram da aula. Mas a criança nunca demonstrou pra mim nenhuma diferença por aquilo”; às vezes, a criança muda o comportamento porque perdeu algum dos avós e os pais perguntam se ficou triste, se viu chorando, porque era uma pessoa ligada. Mas eu nunca convivi com isso diretamente”; “Só talvez, quando os pais se separam. Os pais comentam que se ver mais triste ou mais carente é para dar uma atenção maior, porque está sentindo falta do familiar em casa. Então por esse motivo, é um tipo de perda, mas nesse sentido, perdas que separaram na vida”; “Mas nesses casos, que eu percebi a criança um pouco mais quieta, querendo colo, eu só lidei dando mais atenção”; “Às vezes eles expressam chamando atenção, batendo no amigo, que eu já percebo que deve ser reflexo de estar chateado com algo”. (P2).

Existe algum momento proporcionado pela escola em que sejam dialogadas essas temáticas?

“Conversamos bastante sobre isso, mas nada muito formal”; “É sempre assim, encaminhamos para melhor atender a situação”; “Sempre procurar um psicólogo porque não conseguimos identificar”; “A escola tenta ajudar, mas o psicólogo pode ajudar mais”. (P1)

“Eu não fico abordando as tristezas das crianças, sempre tento reforçar sentimentos bons, para animá-las mesmo. Se eu ficar focando no que é ruim, eu não toco no assunto, sempre converso para levar a situação para um lado positivo”; “Quando eu sei a história que

a criança traz eu tento interagir com a criança, ampará-la da melhor forma, com carinho, ver se ela não está isolada”. (P2).

“Temas assim são muito velados, os pais não se abrem para as crianças, não compartilham, e de repente, tudo muda, o impacto é grande, o jeito que tudo estava e a criança precisa se adaptar a essa nova realidade. E isso tem consequências dependendo de como a criança se abre diante disso”. (E).

“A criança muda de comportamento, e esses comportamentos refletem, é algo que vem de casa e colocamos a culpa em outros mecanismos”; “Eu lido de uma forma que a criança precisa falar com os pais, estabelecendo confiança”; “São coisas que são trazidas para a escola e que a gente não sabe o que falar e como lidar com aquele momento”; “Quando é particular da família, é difícil lidar. Têm coisas que eu tento não abordar com a criança, porque acaba prejudicando ainda mais”. (P2).

“Somente de maneira informal há relatos de experiências”. (P5).

Há reciprocidade entre escola e família?

“Depende dos casos”. (P2).

“Então a família não quer falar, mas é preciso conversar e pôr em jogo situações como essa”. (E).

Em um curso ou em uma formação continuada há vários momentos de conversa. Essa temática foi abordada diretamente em alguma dessas reuniões? Como situações difíceis, emocional da criança, frustrações, perdas ou a morte).

“Não. Nunca foi”; “Num geral, nós falamos que as crianças não sabem lidar com as situações e os pais também não. Tudo é mais focado no pedagógico”. “Foco no ensino-aprendizagem, num currículo, voltado para a educação socioemocional”. (P1).

“Não”. (P3).

“Não”. (P4).

“A própria escola não promove um planejamento que posso contar com a análise desse tema”. (E).

E quando aconteceram esses momentos, como foi?

“A maioria das vezes a família já encaminha para um psicólogo”; “As outras professoras que já passaram por isso dizem que os parentes falecidos “viraram uma estrelinha”, “que é preciso rezar”, “que agora essa pessoa vai cuidar da gente lá em cima”. Elas trazem muito para o lado lúdico, mais bonito. (P1).

“Nunca passei por situações de pais separados e de perda, nunca lidei com isso. Com os pequenos é diferente. Com os maiores, é mais complicado, eles sentem mais. Os

pequenos falam menos, quando os avós falecem, por exemplo, eles não entendem direito a situação”. (P1).

“Sim. Foi num 1º ano com a aluna filha de uma funcionária do colégio onde trabalhava. A direção deu uma explicação as crianças. Quase não tocamos no assunto (superficialidade). Foi uma situação bem difícil”; “Atualmente, continuo achando difícil porque tudo fica muito ligada à religiosidade e nunca fiz um curso sobre isso”. (P3)

“Nunca passei por uma situação dessas na escola. Hoje eu abordaria como mencionei no item do bloco 2, embora eu ainda não consiga falar, com naturalidade, sobre a partida da minha filha, com meus alunos. Sendo assim, usaria outros exemplos”. (P4).

Livros, jogos, histórias e brincadeiras tem algum momento que isso apareça? A tristeza, angústia, sentimentos, para falar sobre isso?

“Cada semestre nós trabalhamos com uma história, em que conversamos com eles sobre todos os aspectos e ao final do semestre eles sabem recontar a história inteira. Nesse semestre a escolhida foi “Cachinhos Dourados”, com a questão de os ursinhos ficarem frustrados e chateados com os atos da Cachinhos. Eu trabalho com as questões de não mexer com as coisas dos outros, o porquê, os sentimentos que vão causar, a questão da tristeza que é passageira”. (P1).

“Trabalhei no primeiro semestre com “os três porquinhos” e eles ficaram apavorados com o lobo mau. O foco foi somente nele. As mães me questionaram que eles ficaram com muito medo dele. Eu argumentei dizendo que era uma fase, que eles estão descobrindo sentimentos, que vai passar. Agora eles gostam!”; “Mas eu não digo que o lobo quis comer os porquinhos, só falo que ele quer pegar eles e deixa para a imaginação e interpretação das crianças o desfecho, porque choca muito”; “No primeiro semestre foi o medo que trabalhamos. Com esse sentimento novo, a questão das ameaças, algo que preocupa. Eles fixam muito pela história”; “As mães também não sabem como abordar os temas, não conhecem como fazer isso”; “Fazemos uma reflexão aqui e pensamos em encaminhar, mas são as famílias que procuram os especialistas”. (P1).

“Eu já trabalhei em filosofia, com uma coleção de livros que abordava tristezas. E nas rodas de conversa falo um pouco sobre frustrações, convivência com o outro, abalos entre eles, etc. Mas nunca programei nenhum conteúdo específico sobre isso”. (P2).

“Não conheço. Não. Não”. (P3).

“Só conheço alguns livros e filmes infantis que abordam o tema, mas não os uso. Utilizo exemplos concretos, da realidade e experiência das crianças”. (P4).

“Não. Não conheço por não ter demanda sobre o assunto”. (P5).

4.4.4 Bloco 4: Avaliação da entrevista e do questionário

Foi observado, que as professoras possuem duas visões de morte, uma do âmbito pessoal e outra do profissional, que ainda é incipiente e apresentam dificuldades por não encontrar e trabalhar atividades pedagógicas a respeito da morte. Além disso, a errônea separação entre pedagógico e psicológico dificulta o acesso para tratamento de tais temáticas. É unanimidade, porém, que todas consideram importante falar com os alunos sobre isso e deixar com que se expressem se tornando cuidadoras e acolhendo-as, aproximando-se com as famílias, entretanto, elas acreditam que não cabe a elas tanta responsabilidade de trabalhar com temas mais espinhosos, que podem acarretar descontrole emocional elevado e medo de experimentar novas perspectivas, mas sim aos profissionais especializados. É preciso levar em consideração ainda como nessa fase da vida a criança confia e se inspira na sua professora e tais dificuldades são inerentes ao processo educativo e ao convívio diário nas escolas.

“Eu trabalho muito no sentido de deixar eles se expressarem, sobre o que estão sentindo, para pôr para fora, aliviar o coração”; “Converso e questiono muito eles”. (P1).

“É preciso que o professor consiga criar um vínculo positivo com seus alunos, para que as crianças tenham alguém com quem confiar fora de casa. Alguém que tenha um vocabulário pequeno para se expressarem. Eles precisam ver que a minha professora também expressa suas emoções. Professores são modelos nessa faixa etária, primordialmente. Apesar de saber que precisamos ter muito controle emocional, mas não devemos deixar de expressar nossas emoções, como por exemplo, chorar não é algo ruim”. (E).

A criança precisa se preocupar com o outro, a questão da empatia”. (E).

“Eu queria saber de maneiras de lidar com as frustrações (mudanças, orientações, brinquedos, a luta pelo espaço, chamar atenção, frustrações, enfim, a questão do controle das emoções) eu acho muito importante e não temos muito contato com isso apesar de ser algo recorrente na sala de aula”. (P1).

“Ano passado, duas estagiárias daqui perderam, uma a mãe e outra o pai. Mas elas bloqueiam esse assunto, aí não conseguimos conversar sobre isso”. “Às vezes eu queria trocar experiências sobre o luto com elas, para desabafarmos, sobre o que estão sentindo, mas eu não consigo”. “Uma delas foi atrás de psicólogo, porque viu que precisava de ajuda, pois estava se tornando uma pessoa rancorosa, fechada e irritada com tudo”. (P1).

“Acho superimportante esse tema, frustrações também são, porque é uma das coisas que mais vemos no dia a dia escolar, da criança não aceitar ou não se frustrar e as consequências disso”. (P2).

“Às vezes queremos conversar e as crianças são muito agitadas, não prestam atenção. É importante saber formas de trabalhar melhor quando estão aceleradas, para conseguir ensiná-las”; “Por mais que a gente tenha material, como músicas, dinâmicas para acalmar, é sempre bom complementar, não sei de que forma, mas para conseguir maior atenção deles”; “Com criança não adianta ficar somente conversando, é preciso ir além, mostrar vídeos, músicas, elementos tecnológicos porque eles são tecnológicos!”; “Precisamos nessa idade usar muito o visual, é algo importante pra eles, mas às vezes nem mesmo esses recursos parecem dar conta”. (P2).

“A questão das crianças serem hiperestimuladas precisa de uma reflexão e comportamento diferentes para lidar com essas habilidades. A hiperestimulação dificulta a conversa e exige paciência. É preciso dar atenção para o outro, saber deixar a tecnologia em momentos oportunos”. (E).

“Não tem como ficar estimulando o tempo todo, precisa de preparo para saber escutar o colega, deixar o outro falar e se expressar. A questão de se colocar no lugar do outro, esperar sua vez. Eles são muito ansiosos, tem dificuldade”. “As frustrações são o mais importante para saber lidar”. (P2).

“Fiquei um pouco sensibilizada e reflexiva sobre a importância das questões ligadas à morte e a minha falta de conhecimento”. (P3).

“Não senti nenhum desconforto porque atualmente esse assunto tem me consumido 24 horas por dia: perda, saudade, desconforto, ausência, choro, angústia, coração apertado”. (P4); “No momento não me interessa por participar da Oficina sobre o tema. Estou em terapia”. (P4).

“Viver sem a pessoa que mais amamos no mundo é uma tarefa quase impossível. E no meu caso, estou sendo obrigada a viver sem minha única filha. Nunca havia me passado antes, a possibilidade da minha menina, tão saudável, esperta, querida e amada, ser acometida por um tumor tão agressivo, aos 16 anos, em plena vida saudável! Ouvi de uma outra mãe acometida pela mesma tragédia: “Depois disso que nos aconteceu, é o mesmo que arrancar o coração da mãe e obrigar essa mãe a continuar vivendo, todos os dias”. E é bem assim mesmo. Viver torna-se um desafio quase impossível. Um vale sombrio, imenso, vazio. Mas, miraculosamente, sobrevivemos, dia a dia”.

“Hoje, não faço mais plano algum. Vivo um dia de cada vez. E não espero nada de ninguém. O que vier, é lucro. Já me decepcionei demais com a vida. Tomei um grande golpe, por isso, hoje tenho os dois pés no chão. E faço das palavras da Adélia Prado as minhas “De vez em quando Deus me tira a poesia. Olho pedra, vejo pedra mesmo...”

“A grande espera agora é pelo reencontro com minha Daniela”. (P4).

“Acho que o fato de falar sobre um assunto que normalmente não tenho pensado, me fez refletir por alguns momentos que vivemos de maneira tão automática que quando nos

damos conta de que num breve espaço poderemos não estar mais, e é preciso desacelerar pois a morte é a única coisa certa que temos no futuro. Então precisamos conduzir a nossa vida de maneira que ao chegar no fim dela, tenhamos orgulho das relações que construímos”; “Em relação a Oficina, com certeza aceitaria participar, é muito importante, nós enquanto educadores precisamos nos preparar para ajudar nossos alunos a lidar com essas perdas”; “Gostaria de agradecer, pois esse momento dedicado ao questionário me fez parar por alguns minutos e refletir sobre a importância que temos para o outro e para nós mesmos, e lembrar que a vida é finita”. (P5).

As professoras admitem que carregam apenas sua própria bagagem como referencial e se veem apenas como profissionais que devem saber da educação das crianças, nada mais. Há um forte discurso de dissociação da escola com temas sociais. A morte é um território desconhecido e a ambivalência de sentimentos encontrados é outro ponto chave para entender como os professores demonstram esse lado pessoal para seus alunos.

Nesse sentido, é válido analisar ideias preconcebidas acerca do erro de manter o ensino em um tipo de cegueira conceitual. De acordo com Guthier (2006, p. 20):

Nessa perspectiva, o saber necessário para ensinar se reduz unicamente ao conhecimento do conteúdo da disciplina. Mas quem ensina sabe muito bem que, para ensinar, é preciso muito mais do que simplesmente conhecer a matéria, mesmo que esse conhecimento seja fundamental. Quem ensina sabe que deve também planejar, organizar, avaliar, que também não pode esquecer os problemas de disciplina, e que deve estar atento aos alunos mais agitados, muito tranquilos, mais avançados, muito lentos, etc. Em suma, quem mergulha diretamente nesse ofício sabe muito bem que, apesar da grande importância de se conhecer a matéria, isso não é suficiente por si só.

Segundo Caputo e Fornazari (2008), mesmo a morte fazendo parte da existência dos seres vivos, ela é escancarada sem pudores e banalizada pela mídia, bombardeando todos os veículos de comunicação falando sobre ao mesmo tempo que paradoxalmente, o espaço para a morte íntima tem sido negado e não levado em consideração na mesma proporção, reforçando o estereótipo de véu encoberto por mistérios da sociedade ocidental.

É preciso estruturar, ensinar os professores, ir além dos conteúdos programáticos propostos e “conceber o ensino como a mobilização de vários saberes que formam uma espécie de reservatório no qual o professor se abastece para responder a exigências específicas de sua situação concreta de ensino”, (Guthier, 2006, p. 28). Levando em conta que as crianças passam cada vez mais tempo dentro da escola e é nesse ambiente fecundo que devem se sentir seguras e confiantes para expressar questionamentos e criarem uma percepção sobre o mundo e a vida como um todo.

Ao mesmo tempo, quando as entrevistadas tratam das perdas em geral que as crianças passam e precisam disso para conseguirem superar os obstáculos da vida, não

reconhecem que essas “pequenas perdas” também podem ajudá-las na elaboração de atividades e diálogos para falar sobre a morte num contexto geral. É preciso manejar os professores tanto no âmbito pessoal como profissional para organizar momentos de troca e redes de comunicação. “Embora não estejam preparados, a morte vai ocorrer com todos e por isso não deveriam evitar falar do assunto [...] O tema deve ser tratado no cotidiano escolar, criando-se espaços de reflexão”, (KOVÁCS, 2012, p. 76).

Família e escola devem flexibilizar seu poder de atuação diante da criança e comprometerem-se a articular sobre o tema que inevitavelmente toda a espécie viva terá de se confrontar em alguma etapa da vida. Na infância, período em que o desenvolvimento é estimulado por meio de abstrações, é imprescindível na escola, que o jovem encontre recursos para se expressar.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No início do trabalho, algumas questões nortearam o caminho que foi construído, e ao fim dele, a partir dos estudos e reflexões, foram alcançadas as respostas e, ao mesmo tempo, abriu-se um leque ainda maior para dar continuidade a esse tema tão inquietante.

Pensando nas crianças que passam pela experiência de uma perda e em seu bem-estar futuro, a metodologia de abordagem mais efetiva para a escola e os profissionais da educação, diante dessa tão significativa experiência, é a Educação para a Morte. Por meio dela, o professor e a escola conseguem conhecer e ter recursos para dialogar e inserir didaticamente propostas educativas voltadas à área.

Com os conhecimentos da Psicologia da Morte e da Pedagogia, ambas se unem no auxílio de atividades pedagógicas que toda a equipe escolar possa fazer com os alunos, abordando o morrer, a questão da formação e rompimento de vínculos e expectativas pautadas em teorias das duas áreas, norteadas o tema em diversas instâncias e disciplinas, fazendo pontes entre os conteúdos e interligando-os, como em rodas de conversas, filmes, livros, compartilhando histórias e criando uma teia de saberes, como abordado nos capítulos da Revisão Bibliográfica. Em praticamente todas as matérias escolares é possível evocar o tema, com a perspectiva de que tudo tem começo, meio e fim, ou que no movimento da vida coexiste a relação entre formação e rompimento físico. O que é temido, também pode ser provocador e interessante.

O que ensinar em relação a vida, morte, perdas e luto, é fazer os alunos conhecerem sua própria condição como ser vivo, para que desde o início de sua trajetória entendam o ciclo da vida, saibam lidar melhor com situações difíceis, perdas, separações e compreendam as especificidades e adversidades que o tema sustenta.

Como ensinar ainda é um desafio, visto que o tema é velado e legado exclusivamente aos profissionais da saúde, a partir deste trabalho, é possível traçar diretrizes e perceber que o professor pode aos poucos, tratar da temática, refletindo suas próprias vivências com o morrer e buscar meios de dialogar sobre o assunto, com instrumentos como livros, histórias e dinâmicas de integração, compreensão e autoconhecimento.

O porquê ensinar parte do pressuposto de que todos os indivíduos passarão por perdas durante sua vida; logo, a melhor forma para se preparar é conhecer e desmitificar, tornando o assunto que já é penoso, em algo mais real e dotado de sentido.

Para quê ensinar é um caminho que norteia o conhecimento e a preparação para a inevitabilidade do tema. Quanto menos conhecimento e aversão acerca do assunto, mais paradoxal se torna a condição humana.

Com base em todos os estudos contemplados neste trabalho, a única condição que produz sofrimento é negligenciar o tema, tratando-o com indiferença ou medo. Falar a respeito

ajuda no preparo das pessoas, para assimilar de uma forma compreensiva e, quando já ocorreu a perda, o reparo é a única saída para suportar e superar a situação.

O assunto não transgride o princípio da escola laica, visto que para além das crenças, valores e religião da criança, que devem ser respeitados, a morte é universal, intransferível, pessoal e irreversível, e no ambiente escolar deve haver espaço para discutir o tema.

Fundamentado nas percepções das professoras entrevistadas, o tema só é pensado caso ocorra a morte de alguém próximo do ambiente escolar. À parte disso, é ignorado, exceto pela professora entrevistada que sofreu a perda da filha recentemente e está em processo de terapia, entretanto, a mesma constata que não fala sobre o assunto com a sua turma de alunos, evitando ocasionar mais tristeza.

Antagonicamente, todas consideram importante desenvolver o tema na escola, como forma de conhecimento e preparo, mas não sabem de que forma fazer, pois necessitam de uma preparação, reflexão e orientação para composição de projetos e atividades, fazendo assim, com que se propague o silenciamento e o temor acerca de uma temática considerada macabra, exilando-a do sistema educacional.

Embora a literatura da área já tenha apontado o tema morte como algo velado e evitado, no presente Trabalho de Conclusão de Curso também foi possível constatar a ausência de espaços educativos e sociais para se abordar os temas, tanto entre os professores quanto entre a família.

Em relação ao binômio criança-morte, é preciso canalizar um sentido para tudo aquilo que está acontecendo e igualmente levar em conta a bagagem que a criança construiu e possui com a sua família e em sociedade, por isso, é tão importante conversar com a criança para evitar situações mais complexas no futuro, que serão desencadeadas pelo fato da mesma possuir ou não elementos para compor o seu processo de luto.

Esse trabalho é um convite a refletir sobre a possibilidade de abertura do tema “morte” e suas variáveis no espaço escolar. A escola como instituição de ensino e aprendizagem e lugar propício de socialização e deve proporcionar, com excelência entendimento e esclarecimentos relativos ao tema.

No decorrer da jornada da vida, é preciso inevitavelmente entrar em contato com o tema exposto neste trabalho, uma vez que é inexorável a finitude dos seres vivos. Portanto, é imprescindível que se faça valer e valorizar vida e morte, sendo partes importantes e interligadas de nossa existência e que por mais que a morte sustente temor e abominação, somente ao ser pronunciada, não há escolhas senão conhecê-la e aceitá-la como uma velha amiga.

Que o ato de refletir sobre a Morte, abra as portas da percepção para a busca de conhecimentos, sustente o amadurecimento e aperfeiçoamento interior e faça aproveitar e ressignificar o sentido da existência terrena e etérea.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVICH, F. **Literatura Infantil: Gostosuras e Bobices**. (5ª ed.). São Paulo: Scipione, 1999.

ANDRADE-LOPES, A. **Análise Funcional de Comportamentos de Enfrentamento de Mulheres com Câncer de Mama**. Dissertação de mestrado. UFSCar/SP, 1997.

ANDRADE-LOPES, A.; COMBINATO, D. S.; REALI, A. M. **Desenvolvimento e Aprendizagem Profissional de Agentes Educacionais**: Um estudo que envolve a área da saúde. Educação e Pesquisa: diferentes percursos, diferentes contextos – (Orgs.: Ademir da Silva, Anete Abramowicz, Marisa Bittar). (p. 289-308). ISBN 8576560267. São Carlos: RIMA, 2004.

ANDRADE-LOPES, A.; LEPRE, R. M. **Perdas e Luto na Pré-Escola**: A Passagem da Educação Infantil para o Ensino Fundamental. In: Vera Lúcia Messias Fialho Capellini; Rosa Maria Manzoni. (Org.). Políticas Públicas, Práticas Pedagógicas e Ensino-Aprendizagem: Diferentes Olhares Sobre o Processo Educacional. (p. 554-561). Bauru: UNESP/FC/São Paulo: Cultura Acadêmica, 2008.

ARIÈS, P. **A História da Morte no Ocidente**. [Tradução de Priscila Viana de Siqueira]. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

BEE, H. **O ciclo vital**. Porto Alegre: Editora Artes Médicas, 1997.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação Qualitativa em Educação**: Uma Introdução à Teoria e aos Métodos. Portugal: Porto Editora, 1994.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ciências Naturais**. 3. Ed. Brasília (DF): Ministério da Educação, 2001.

BUCAR, G. E.; MAUTONI, G. A. A. M. **Conversando sobre o Luto**. Editora: Àgora, São Paulo, 2013.

CAPUTO, R. F.; FORNAZARI, S. A. **Educação para a morte na escola e na família**: Desafios dos Profissionais da Educação. In: Vera Lúcia Messias Fialho Capellini; Rosa Maria Manzoni. (Org.). Políticas Públicas, Práticas Pedagógicas e Ensino-Aprendizagem: Diferentes Olhares Sobre o Processo Educacional. (p. 541-553). Bauru: UNESP/FC/São Paulo: Cultura Acadêmica, 2008.

CHIATTONE, H. B. C. **A criança e a morte**. In: Camon (Org.), V. A. A.; Chiattonne, H. B. C. E a psicologia entrou no hospital... São Paulo: Pioneira, 1996.

EDLER, S. **Luto E Melancolia: À Sombra Do Espetáculo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

FRANCO, P. H. M. **A Intervenção Psicológica Em Emergências: Fundamentos Para A Prática**. São Paulo: Summus, 2015.

FRONZA, L. P.; QUINTANA, A. M.; WEISSHEIMER, T. K. S.; BARBIERI, Â. - **O tema da morte na escola: possibilidades de reflexão** - Barbarói, Santa Cruz do Sul, RS, n. 43, (p. 48-71), jan.-jun. 2015.
Disponível em: <<https://online.unisc.br/seer/index.php/barbaroi/article/view/3496>>. Acesso em: 12 de set. 2018.

GOMES R. A. E.; KOVÁCS, M. J.: **Relato de Prática Profissional Morte de Aluno: luto na escola**. Psicologia Escolar e Educacional, São Paulo. Volume 20, nº: 2, maio/agosto de 2016. p. 403-406.

GAUTHIER; C. et al. **Ensinar: Ofício Estável, Identidade Profissional Vacilante**. In. GAUTHIER, C. et al. Por uma Teoria da Pedagogia: Pesquisas Contemporâneas sobre o Saber Docente. Ijuí, Unijuí, 2006.

KOVÁCS, J. M. **Educação para a Morte**. Psicol. cienc. prof., Brasília, v. 25, n. 3, p. 484-497, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932005000300012&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 25 de set. 2018.

KOVÁCS, J. M. **Educação para a Morte: Desafios na Formação de Profissionais de Saúde e Educação**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

KÓVACS, J. M. **Educadores e a Morte**. Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional, SP. Volume 16, Número 1. janeiro/junho de 2012. 71-81.
Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572012000100008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 02 de set. 2018.

KOVÁCS, M. J. **Morte e Desenvolvimento Humano**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.

KOVÁCS, M. J. **Criança Também Fica de Luto**. Revista Nova Escola, Especial Educação Infantil, n. 17, 2008. Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/7351/crianca-tambem-fica-de-luto>>. Acesso em: 13 de set. de 2018.

KOVÁCS, M. J. **Educação Para A Morte: Temas E Reflexões**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

KOVÁCS, M. J. **Falando de Morte com Crianças**. Psico. USP: A revista sobre pesquisas do Instituto de Psicologia da USP/Instituto de Psicologia na Universidade de São Paulo n.

2/3, (2016). São Paulo, IPUSP, 2016. p. 170-173, 2016. Disponível em: <http://www.ip.usp.br/revistapsico.usp/index.php/30-commentor-2/79-falando-de-morte-com-criancas.html> Acesso em: 22 de ago. de 2018.

KOVÁCS, M. J. (2008), **Educação para a Morte**: desafio na formação de profissionais de saúde e educação, In: Kovács, M.J. (Org.). *Morte e existência humana: caminhos de cuidados e possibilidades de intervenção*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, v. 1.

KOVÁCS, M. J. (Coord.) **Fundamentos de Psicologia. Morte e Existência Humana – Caminhos de Cuidados e Possibilidades de Intervenção**. Capítulo: Educação para a Morte: Desafios na Formação de Profissionais de Saúde e Educação. Autora do capítulo: Maria Júlia Kovács. Rio de Janeiro: Guanabara & Koogan, 2008. (p. 211-219).

LITTORAL, E. D. D. **Luto De Criança**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1999.

MARANHÃO, J. L. S. **O que é morte**. Editora Brasiliense, São Paulo: (SP), 1996. Coleção primeiros passos.

MARTINS, M. I. **Para Onde Vamos Quando Desaparecemos?** Portugal: Planeta Tangerina, 2011.

MAUTONI, G. A. M. A.; SOARES, B. G. E. **Conversando Sobre O Luto**. São Paulo: Ágora, 2013.

MELO, J. L. **“Né que Quando a Gente Morre, a Gente não Vira Estrela?”**: A Temática da Morte na Literatura Infantil. Trabalho de Conclusão de Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2013.

OLIVEIRA, B. H. J. **Viver A Morte – Abordagem Antropológica E Psicológica**. Portugal: Livraria Almedina Coimbra, 1998.

PAIVA, E. L. **A Arte De Falar Da Morte Para Crianças**. São Paulo: Ideias e Letras, 2011.

PARKES, C. M. **Amor E Perda – As Raízes Do Luto E Suas Complicações**. São Paulo: Summus, 2009.

PIAGET, J. **A Linguagem e o Pensamento da Criança**. Rio de Janeiro: Fundo da Cultura, 1961.

PIAGET, J. **Psicologia da Inteligência**. 2ed. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1961.

SENGIK, A. S.; RAMOS, F. B. **Concepção de Morte na Infância**. Psicol. Soc., Belo Horizonte, v.25, n.2, p. 379-387, 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822013000200015&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 07 de set. 2018.

TORRES, W. C. **A Criança Diante Da Morte**: Desafios. São Paulo: Casa Do Psicólogo, 2012.

TORRES, W. C. **O Conceito de Morte na Criança**. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 31, n. 4, p. 9-34, mar. 1979. ISSN 0100-8692. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/abp/article/view/18239/16986>>. Acesso em: 14 set. 2018.

TORRES, W. C. **O Tema da Morte na Psicologia Infantil**: uma revisão da literatura. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 32, n. 2, p. 59-71, mar. 1980. ISSN 0100-8692. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/abp/article/view/18352>>. Acesso em: 04 set. 2018.

WORDEN, J. W. **Aconselhamento do Luto e Terapia do Luto**: um manual para profissionais da saúde mental (4ª ed.) / J. William Worden; [Tradução de Adriana Zilberman, Leticia Bertuzzi, Susie Smidt]. São Paulo: Roca, 2013.

WOTTRICH, S. H.; PEREIRA, L. L.; MOSTARDEIRO, V. M. P.; SOUZA, K. S. M.; QUINTANA, A.M.; DIAS, A. C. G.; CAPAVERDE, S. **Educação para a Morte**: Aproximações sobre o Tema em Sala de Aula. In: XV Encontro Nacional da Associação Brasileira de Psicologia Social, 2009, Maceió, AL. Anais do XV Encontro Nacional da Associação Brasileira de Psicologia Social, 2009.

APÊNDICE I – Roteiro de entrevista semiestruturada, por blocos temáticos e questionário

Bloco 1: Morte, perdas e luto (experiências pessoais)

Objetivo do bloco de perguntas: Identificar e definir os comportamentos dos professores perante situações de perdas passadas, a questão da própria morte e a possibilidade de mortes futuras para os entrevistados.

- 1.1 – O que vem em sua cabeça quando falamos de vida, morte, perdas e luto?
- 1.2 – Quais são suas experiências pessoais em relação a esses temas? (perdas passadas)
- 1.3 – Você já viveu a morte de alguém próximo? Quanto tempo faz e como tem lidado com isso? (perdas passadas e enfrentamento)
- 1.4 – Qual o aspecto mais difícil dessa situação naquele período (passado) e atualmente? (perdas passadas)
- 1.5 – O que vem a sua cabeça sobre a própria morte?
- 1.6 – Como é para você pensar/lidar com a morte de pessoas próximas?

Bloco 02: Formação Profissional do Professor

Objetivo do bloco de perguntas: Identificar se o tema foi abordado durante a graduação e em sua formação e o que aprendeu com as experiências. Além disso, explorar se os entrevistados possuem conhecimento sobre a temática.

- 2.1 – A questão da morte e do luto foi abordado em seu curso de formação? Se sim, quais foram as experiências? (reação do grupo de alunos da graduação)
- 2.2 – Você acha que deve haver uma intensificação na abordagem dessa temática, mesmo no curso de licenciatura, como também, devem ser oferecidos cursos e palestras sobre essa temática com os professores, para que os mesmos possam amparar da melhor maneira possível o aluno? (em qual momento?)

Bloco 3: Práticas Educativas sobre a Morte e o Morrer

Objetivo do bloco de perguntas: Explorar os temas em estudo e a questão das práticas educativas na interação com os alunos, professores e na relação com os familiares.

- 3.1 – A questão da morte é abordada em algum momento de suas aulas?
- 3.2 – Como os professores e a equipe pedagógica trabalham para ajudar um aluno que está passando por situações de morte, perdas e luto?
- 3.3 – Existe algum momento proporcionado pela escola em que sejam dialogadas essas temáticas, para que os alunos tenham conhecimento dessas questões, caso venha ocorrer?
- 3.4 – Há reciprocidade entre escola e família em momentos em que interações como essa são inevitáveis?
- 3.5 – Vocês já tiveram alunos que passaram por um processo de perda? Se sim, como foi a abordagem? E se não, como vocês colocariam em tópico isso?
- 3.6 – Há diversos livros, vídeos e até mesmo jogos e brincadeiras que abordam de uma maneira reconfortante o tema do luto e de outros sentimentos com as crianças e jovens (angústia, tristeza, pesar, falta). A equipe pedagógica já pensou em utilizar esses recursos, mesmo que como uma forma de prevenção e conhecimento?
- 3.7 – Essa temática é questionada nas reuniões ou mesmo pensada nos currículos/sala dos professores?
- 3.8 – Como vocês acham que pode ocorrer esse vínculo entre família e escola numa situação de morte e que suporte a escola deve oferecer nesse momento?
- 3.9 – Há o amparo de psicólogos ou profissionais que possam conversar com os alunos sobre questões do dia a dia, problemas, reflexões e sentimentos?

Bloco 4: Avaliação da Entrevista

Objetivo do bloco de perguntas: garantir o bem-estar do entrevistado, após relatar sobre questões complexas e pessoais para ele. E consultar os entrevistados sobre a possibilidade de participação em uma Oficina sobre Educação para Morte.

4.1 – Como você se sentiu falando sobre os assuntos tratados nesta entrevista? Sentiu-se desconfortável em algum momento?

4.3 – Gostaria de participar de uma Oficina para melhor entendimento sobre o assunto?

4.4 – Gostaria de acrescentar algo? Alguma dúvida?

APÊNDICE II – Carta Convite e Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

CARTA CONVITE E TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE Conforme Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde – CNS

Título da pesquisa – Vivências, formação e práticas em Educação para a Morte: relatos de professoras do Ensino Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental

Prezado professor participante,

Eu, Ana Beatriz Oliveira Alves (RG: 39833336-1), estudante do curso de Pedagogia da UNESP – Bauru (RA 151020272) e Alessandra de Andrade Lopes (RG 20574522-2), professora do departamento de Psicologia da UNESP – Bauru vimos convidá-lo para participar de um estudo de Tema de Conclusão do Curso que tem como objetivo identificar e analisar vivências pessoais, trajetória de formação e práticas educativas de professores de Ensino Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental, em interação com seus alunos, diante de situações de morte, luto e perdas. Caso você aceite participar, gostaríamos que respondesse a um roteiro de entrevista ou questionário, com questões gerais e mais específicas sobre o tema em estudo. Caso seja entrevistado, a mesma será gravada para efeito de registro e análise de dados. Caso responda ao questionário, ficaremos com o registro por escrito. Total confidencialidade será garantida a todos os participantes, isto é, estará sob sigilo qualquer informação que possa identificá-lo. Sua participação é totalmente voluntária, isto significa que você não é obrigado a aceitar este convite, e se aceitar, poderá ainda interromper a sua participação a qualquer momento. Podemos afirmar que sua colaboração é de extrema importância, visto que por meio dos relatos coletados produziremos conhecimentos científicos que mais tarde irão beneficiar outros profissionais da educação. Importante ressaltar as perguntas deste estudo poderão promover algum desconforto psicológico, visto que solicitam o relato de conteúdos emocionais relacionados a suas vivências sobre o tema em estudo. Em função disso, mediante sua solicitação, a pesquisadora responsável, Professora Alessandra deverá ser informada para realizar acolhimento de sua demanda e encaminhamento para serviço de atenção mais adequado, se necessário, sem ônus para você. Não hesite em pedir maiores esclarecimentos sobre o estudo. Reforçamos que: a) após a entrevista ou preenchimento do questionário, caso queira conversar a respeito do que falamos, estaremos a sua disposição; b) em se tratando de benefícios, o estudo produzirá conhecimentos para a área da educação e saúde, especialmente para a formação de profissionais mais preparados para lidar com alunos que passem por situações de perdas, luto e morte, além de colaborar com o planejamento de ações de intervenções de natureza educativas, voltadas para práticas pedagógicas dentro da escola para abordar os temas, de forma a conscientizar, prevenir e reduzir prejuízos e danos emocionais. Como princípio ético de um trabalho científico, toda utilização dos resultados obtidos na redação de relatórios ou em comunicações científicas deverá ser realizada garantindo o total anonimato do participante, bem como de qualquer informação que torne possível esta identificação. Seus direitos estão garantidos pelo Comitê Nacional de Ética/**Resolução 466/12** (<http://conselho.saude.gov.br/comissao/conep/resolucao.html>). Diante do exposto, declaro que recebi orientações e esclarecimentos quanto aos objetivos do estudo, aos procedimentos envolvidos, concordando em participar, de modo voluntário, deste estudo.

Local: _____ Data: ____/____/_____
Nome legível: _____
Assinatura: _____
c/c para o participante

Pesquisadora responsável: Profa. Dra. Alessandra de Andrade Lopes

Telefone: (14) 991117266 e-mail: alessandra.andade-lobes@unesp.br

Orientanda: Ana Beatriz Oliveira Alves

Telefone: (14) 991778897 e-mail: anastarrdust@gmail.com

Endereço Institucional: UNESP – Faculdade de Ciências, Departamento de Psicologia, Av. Eng. Luiz Edmundo Carrijo Coube, 14-01, Bairro: Vargem Limpa, Bauru, SP.